

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E INGLÊS**

MIDIÃ VALÉRIO MAIA

**O RETRATO DO NEGRO NAS OBRAS DE MACHADO DE ASSIS: *HELENA,
MEMÓRIAS PÓTUMAS DE BRÁS CUBAS E DOM CASMURRO***

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**PATO BRANCO – PR
2016**

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E INGLÊS

MIDIÃ VALÉRIO MAIA

**O RETRATO DO NEGRO NAS OBRAS DE MACHADO DE ASSIS: *HELENA,*
*MEMÓRIAS PÓTUMAS DE BRÁS CUBAS E DOM CASMURRO***

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Letras Português e Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - *Campus Pato Branco*, como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II.

Linha de Pesquisa: Literatura Brasileira.
Orientador(a): Prof^o Dr. Marcos Hidemi de Lima.



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Midiã Valério MAIA**

Título: **O retrato do negro nas obras de Machado de Assis: *Helena, Memórias Póstumas de Brás Cubas e Dom Casmurro***

Trabalho de conclusão de curso defendido e Aprovado em 25/11/2016 pela comissão julgadora:

Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.ª Dra. Claudia Marchese Winfield
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 295 de 01/09/2015

A FOLHA ORIGINAL ENCONTRA-SE ASSINADA NA COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS E INGLÊS, NA UTFPR, CAMPUS PATO BRANCO

São três letras para cada um, mas muito amor pelos dois, mais do que agradecer, este trabalho eu dedico, a eles, por tudo, até agora e até o fim: Pai e Mãe!

AGRADECIMENTOS

Há muitas pessoas se deve este momento de agradecimentos.

Primeiramente, agradeço a DEUS, por me oportunizar a vida, e que por meio da Fé me dá força para continuar a caminhada em busca dos meus objetivos.

Aos meus pais, Paulo e Adriana Maia, que como meus primeiros professores me ensinaram a não temer os desafios e a superar os obstáculos. Não há como mensurar, muito menos como agradecer toda a ajuda e apoio que sempre me concederam com muito amor e carinho.

Aos meus queridos irmãos, Anna e Matheus, que muitas vezes tiveram paciência em aguentar meu mau humor e correria. E acima de tudo, me ensinam a cada dia a respeitar as diferenças.

À minha família, desde os meus avós que incentivam o meu estudo como a oportunidade que não tiveram, também ao exemplo de cidadania e ética. Assim, todos os meus familiares, tios e primos que torcem pelo meu sucesso. E acima de tudo por me mostrar o valor da família e da verdadeira amizade na vida de um ser humano.

Ao meu companheiro, amigo e namorado, Renato dos Santos, pelo constante apoio, carinho, compreensão e ajuda a superar as dificuldades e desânimo.

Agradeço também, uma pessoa muito importante nesta jornada, uma grande incentivadora, Jussara Rohweder. Que com sua experiência e sabedoria é modelo em ser professora.

Aos professores do curso de Letras da UTFPR - PB, em especial à Professora Rosângela Marquezi, pelo grande coração que concede aos seus alunos; Professor Rodrigo Xavier, que me oportunizou e acreditou no meu trabalho durante os anos como bolsista do PIBID. E, ao meu orientador, Professor Marcos Hidemi de Lima, que com sua paciência estimula o gosto pela literatura, além de toda a paciência em orientar de forma extraordinária a realização deste trabalho.

Obrigada a todos vocês pela motivação e cumplicidade!

Enquanto o telégrafo nos dava notícias tão graves [...], coisas que entram pelos olhos, eu apertei os meus para ver coisas miúdas, coisas que escapam ao maior número, coisas de míopes. A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam.

Machado de Assis

MAIA, Midiã Valério. O Retrato do Negro nas Obras de Machado de Assis: *Helena*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*. 2016. P. 55. Monografia (Graduação em Letras Português e Inglês), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco, Pato Branco, 2016.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo explorar e delimitar a presença do negro em três romances de Machado de Assis. A análise está focada nas seguintes personagens e romances: Vicente (*Helena*, 1876); Prudêncio (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 1881) e um mero vendedor de cocadas (*Dom Casmurro*, 1899). Este trabalho visa observar a representação do negro na obra machadiana, buscando desvendar o posicionamento e o envolvimento do escritor com a causa escrava. A base teórica emprega conceitos de Sidney Chalhoub (2003), Roberto Schwarz (2000a) (2000b), Heloísa Toller Gomes (1994,1988) e Regina Zilberman (2002,2012), com destaque a questões filosóficas, antropológicas e sociológicas. Nessa pesquisa, buscou-se, por meio de personagens secundárias, destacar como a figura do negro escravo foi abordada por Machado, evidenciando que o escritor possuía, ainda que sob o disfarce da crítica e da ironia, consciência da situação do dilema da escravidão no seu tempo.

Palavras Chaves: Machado de Assis. Negro. Escravidão.

MAIA, Midiã Valério. The Image of the Black Figure in the Literary work from Machado de Assis: *Helena, Posthumous Memoirs of Brás Cubas and Dom Casmurro*. 2016. P. 55. Monograph (Graduation in Letters – Portuguese and English), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2016.

ABSTRACT

This research aims to explore and delimit the presence of the black figure in three novels from Machado de Assis. The analysis is focused on the following characters and novels: Vincent (*Helena*, 1876); Prudencio (*Posthumous Memoirs of Brás Cubas*, 1881) and a mere seller of cocadas (*Dom Casmurro*, 1899). This work aims to observe the representation of the black figure in Machado's work, seeking to unveil the positioning and involvement of the writer with the slave cause. The theoretical basis employs concepts by Sidney Chalhoub (2003), Roberto Schwarz (2000a) (2000b), Heloísa Toller Gomes (1994, 1988) and Regina Zilberman (2002,2012), with emphasis on philosophical, anthropological and sociological issues. In this survey, it was sought, through secondary characters, to highlight how the black slave figure was approached by Machado, evidencing that the writer possessed, albeit under the guise of criticism and irony, an awareness of the situation of the dilemma of slavery in his time.

Keywords: Machado de Assis. Black Figure. Slavery.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 VICENTE: O ESCRAVO ADMIRADOR DE HELENA	15
2.1 O PENSAMENTO ESCRAVOCRATA EM <i>HELENA</i>	17
2.2 VICENTE: O ESCRAVO FIEL	22
3 PRUDÊNCIO: A TRANSIÇÃO DE ESCRAVO A SENHOR	28
3.1 O MOLEQUE DO SINHOZINHO	29
3.2 O EX-ES CRAVO ALGOZ	34
4 O VENDEDOR DE COCADAS	41
4.1 A IDENTIDADE DO NEGRO EM <i>DOM CASMURRO</i>	42
4.2 O PREGÃO DAS COCADAS	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

A presença do negro na literatura brasileira ocupa, na maioria das vezes, um espaço de marginalização. O discurso literário evidencia que o negro é concebido a partir da noção de sujeito e objeto. Assim, é apresentado ocupando sempre a segunda posição, uma vez que seu personagem está inserido numa cultura da sociedade escravocrata, a qual é configurada a partir da ideologia e atitudes da estética elitista.

Apesar disso, a literatura não o omitiu, porém, em sua maioria, suas vozes e ações foram embargadas, distorcidas e omitidas. As teorias raciais e crenças etnocêntricas pregavam uma posição de raças, nas quais sempre era subjugado ao último grau da escala social. Dessa maneira, sua imagem estereotipada se dá por vários tipos, passa de dócil, infantil, infiel à violenta, feroz e vingativa.

Sendo assim, o tema desta pesquisa consiste em explorar e delimitar a presença do negro na literatura brasileira, mais precisamente pela análise de três personagens negros da obra de Machado de Assis. Cada personagem apresenta uma característica e uma importância diferente em cada obra. Para isso, delimitam-se três romances para a composição de uma linha de momentos significativos: *Helena* (1876[1994]), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881[1994]) e *Dom Casmurro* (1899[1994]). Nelas se procura delinear a representação da personagem negra na produção de Machado.

A escolha do tema proposto, primeiramente, justifica-se pelo fascínio pessoal na obra de Machado de Assis, por ser considerado o maior escritor da Literatura Brasileira. Além disso, há o interesse de aprofundamento na sua obra, a fim de conhecer todo o contexto de sua escrita e todos os fatores determinantes para que sua obra se tornasse grandiosa. A partir disto, para o meio acadêmico, torna-se relevante analisar personagens e contextos pouco lembrados e pouco estudados do autor e, além disso, ler a produção machadiana pelo viés de um olhar histórico e sociológico, mais atento aos interditos e às fendas de suas obras.

O escravo, o negro e o mulato estão presentes nas obras de Machado, tanto em seus romances, como em contos e crônicas. Esta presença, certa e claramente está consignada à sociedade do seu tempo, como um retrato da sociedade escravagista da época. Afinal, na mentalidade da época, o papel do negro era de servir seus senhores, de cumprir e acatar seus desejos e anseios. Claro que há

exceções, e é exatamente isso que se pretende estabelecer nesta pesquisa: procurar e identificar o papel do negro em diferentes posições e ambições, em diferentes contextos e realidades, por meio da veracidade dos fatos históricos e literários.

Machado de Assis teve um cenário de escrita de aproximadamente 50 anos, em que se sucederam inúmeros fatos marcantes e definitivos para o futuro do Brasil. Alguns destes fatos são a extinção do navio negreiro, a intensificação do movimento abolicionista, a abolição dos escravos e a Proclamação da República. E o que tudo isso tem haver com a literatura, ou, mais precisamente, com esta pesquisa? São exatamente essas situações que determinaram a sociedade da época, e, como se vê na obra de Machado, tais situações mostram a representação destes fatos da sociedade brasileira do século XIX, na qual se insere a participação do negro.

Dentro desse contexto, uma das hipóteses de pesquisa é analisar os laços que unem a obra literária, sendo eles a obra, o narrador e as personagens. Dessa forma, esses laços devem ser investigados e analisados conforme seu contexto de representação. Com isso, busca-se a presença das personagens negras na obra do escritor, bem como a sua representação das relações raciais, sejam elas históricas ou literárias.

Outra hipótese são as personagens, usando-as a fim de mostrar o posicionamento e envolvimento de Machado de Assis em relação à representação do negro em suas páginas ficcionais. Assim, pretende-se ainda caracterizar essas personagens com o propósito de desvendar seu estereótipo dentro da veracidade dos fatos. Cada personagem analisada apresenta uma característica, e este é o propósito desta pesquisa.

Uma outra questão a ser resolvida nesta pesquisa é o fato de Machado ter não ter escondido a figura do negro. Mesmo que marginalizado, o negro aparece em suas obras. Porém, é necessário que se faça a verificação do tratamento machadiano dado às questões sociais e políticas que marcaram o final do século XIX. Dessa maneira, pode-se constatar que a partir da leitura da obra de Machado, encontram-se vários trechos nos quais o autor se detém a focar as relações sociais e os acontecimentos históricos da época. E nisso os acontecimentos políticos de dominação dos senhores sobre os escravizados.

A sua recepção foi motivada para a reflexão sobre dois fatos: a primeira sobre a presença de uma relevante crítica social feita pelo escritor em relação aos

acontecimentos do final do século XIX, em suma importância a abolição dos escravos. Além disso, a pretensão de desvendar os enigmas deixados por Machado de Assis, ou seja, a ironia, manifestada por meio do jogo entre a superfície e as fendas textuais. Esta, a ironia, é responsável pela inteligência com que Machado apresentou a realidade social, com a possibilidade das denúncias quanto à abstenção do escritor ser proveniente de uma compreensão crítica restrita dos textos machadianos e dos mecanismos irônicos destes, e ainda, do fato de não se levar em conta o projeto literário do escritor.

Em síntese, a partir dessa verificação e dessas motivações é possível destacar o papel do negro na obra de Machado. Para que essa delimitação seja feita, os fatores acima citados são primordiais, pois a análise dessas personagens se dá no contexto em que o autor se encontra, ou seja, deve-se levar em consideração a sua participação na sociedade do seu tempo, a sua estética de escrita e os principais acontecimentos históricos da sua época. Além disso, a análise da personagem ocorre no contexto da obra em que está inserida, no plano em que essa personagem aparece e a simbologia, ou melhor, a alegoria que se emprega. Portanto, necessário perceber como a alteridade negra foi contemplada nos escritos de Machado de Assis.

Esta pesquisa é composta por três capítulos. Cada capítulo refere-se a uma obra analisada. O primeiro capítulo é a análise na obra *Helena*, e tem-se como personagem principal de análise Vicente, um moleque criado dentro de casa e pajem de Helena. Sendo assim, torna-se um “fiel escudeiro” da moça. Embora escravo, ocupa um espaço que interfere nas ações, como posicionar-se e agir para ajudar a heroína desta narrativa. Ademais, ainda que Vicente desempenhe papel de escravo, considerado por si só objeto cativo, interessantemente ele apresenta voz, o que o distingue na representação literária do sujeito negro na literatura brasileira desse período.

No segundo capítulo, tratamos alguns aspectos de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o romance apresenta ambiguidade na figura de Prudêncio, que, quando na condição de escravo, havia servido de cavalo ao pequeno Brás Cubas, e que, depois de liberto, compra para si um escravo. Apesar de aparecer em duas situações diferentes no romance, a forma como foi retratado torna-o digno de menção, pois com denotação realista está presente na obra de Machado de Assis.

Um simples vendedor de cocadas é o indício principal para o terceiro capítulo, sem nome, um homem negro que é identificado não pela pessoa em si, reduzindo o sujeito ao anúncio que faz na venda de seu produto, é a personagem que será analisada em *Dom Casmurro*. O vendedor aparece somente em dois capítulos da obra. Encontra-se ausente da cena e afastado no tempo: é apenas um ponto referido sem qualquer consequência para o desenvolvimento da narrativa e da história, como um ser passante. Porém, ele é importante, pois interage com Bentinho.

Segundo Eduardo de Assis Duarte (2009, p. 252):

Essas rápidas pinceladas nos ajudam a situar o contexto que envolve o surgimento e a consolidação de Machado de Assis como escritor. É nesse ambiente flagrante rebaixamento da afro-descendência que o autor mulato, neto de escravos e nascido no morro do Livramento, irá aos poucos se firmando como a grande voz da literatura de seu tempo. Não deixa de ser um caminho longo e acidentado, em que o cidadão e homem e letras têm que se defrontar com a espinha dorsal da sociedade e do próprio Estado brasileiro daquele momento. A escravidão alicerça a ordem imperial, e a forma envergonhada com que é admitida pelos setores bem pensantes – adeptos do liberalismo de fachada com que se traveste, desde a independência, a defesa do regime – bem demonstra o quanto de hipocrisia se insere no discurso das elites.

Além de todos os referenciais que aqui serão citados, é importante esclarecer que, para a consolidação da discussão a qual se propõe esta pesquisa, em especial as considerações iniciais, os diálogos propostos estão fundamentados em teóricos como Regina Zilberman (2012), Domício Proença Filho (2008), Eduardo de Assis Duarte (2010), Lilia Moritz Schwarcz (2009), Raymundo Faoro (1974), Gilberto Freyre (1978), entre outros, cujas discussões abordam os variados aspectos do estudo sobre o negro na história do Brasil, permitindo, nesse sentido, que a obra machadiana, iluminadora por si só, lance mais luzes sobre elementos que por fatores diversos ficaram obscurecidos.

Sendo assim, uma das linhas de pensamento a serem atribuídas na discussão desta pesquisa é sobre a escravidão. A esse respeito, Sidney Chalhoub (2003) discorre da seguinte forma:

Essa imagem pouco virtuosa traz à lembrança a leitura que gerações posteriores fariam do período histórico anterior aos anos 1850, especialmente do período regencial na década de 1830. Tal época teria sido marcada por paixões políticas desenfreadas e ilegalidades escandalosas, especialmente no que concerne ao tráfico africano, que, oficialmente

abolido em 1831, foi retomado em meados dos anos 1830. O contrabando de africanos prosseguiu e intensificou-se até a nova lei de abolição de 1850, contando sempre com a conivência de políticos e autoridades públicas. Como consequência, milhares e milhares de africanos, introduzidos ilegalmente no país, foram reduzidos à escravidão no período, e “reduzir pessoa livre à escravidão” era crime previsto no código criminal do Império. (CHALHOUB, 2003, p. 45).

A literatura trata mais de escravidão do que propriamente o negro. Sabe-se que o século XIX foi um período bastante conflituoso entre as leis de direitos humanos e o sistema escravocrata. Segundo Heloísa Toller Gomes (1988), foi na sociedade oitocentista que a questão étnica entrou em discussão no pensamento colonial. Em um caso específico, o que tratamos em nossa pesquisa, os negros e a escravidão estavam associadas à raça (terminologia que se empregava à época), gerando o estereótipo dos escravos. Ainda segundo Gomes (1988, p. 17):

[...] escreveu-se muito mais sobre a escravidão do que sobre o negro. Antes da abolição (e, portanto, durante todo o período romântico) era a instituição servil que estava em xeque, não a pessoa do negro escravizado, de forma que pouca atenção foi dada a este enquanto indivíduo ou enquanto coletividade. É claro que, ao darem forma literária a suas convicções abolicionistas, os escritores criaram personagens representando a raça explorada.

É um dos fatores que analisaremos, pois a condição do negro está totalmente ligada à condição de escravidão, não apenas social, mas psicologicamente. Afinal, era muito mais fácil descrever a escravidão. No caso de Machado de Assis, Antonio Candido comenta que, “[...] os críticos que estudaram Machado de Assis, nunca deixaram de inventariar e realçar as causas eventuais de tormento, social e individual: cor escura, origem humilde, carreira difícil, humilhações, doença nervosa”. (1977, p. 17). A partir dessas concepções, se vê que Machado de Assis conquistou seu espaço dentro da literatura, e por mais que se diga que a preocupação com o negro escravo não faça parte de sua produção, fez o que era necessário, retratar a realidade dos sistemas patriarcais e senhoriais em decadência.

Dentro desse conceito que o texto machadiano é um reflexo da sociedade do século XIX, Roberto Schwarz (2004) analisa que os personagens foram retratados de forma realista, vista por Machado “limitada ao âmbito da vida familiar, no qual analisava as perspectivas e iniquidades do paternalismo à brasileira, apoiado na escravidão e vexado por ideias liberais.” (SCHWARZ, 2004, p. 16). Schwarz ainda acrescenta que:

[...]sem faltar ao respeito, colocava em exame o desvalimento inaceitável dos dependentes e o seu outro pólo, as arbitrariedades dos proprietários, igualmente inaceitáveis, embora sob capa civilizada. Quanto ao gênero, tratava-se de um realismo bem-pensante, destinado às famílias. Quanto à matéria, Machado fixava e esquadrihava com perspicácia um complexo de relações característico, devido ao reaproveitamento das desigualdades coloniais na órbita da nação independente, comprometida com a liberdade e o progresso (2004, p. 16).

Ainda segundo Schwarz, por mais que a participação dos negros seja pequena, Machado transmite em seu enredo a presença desses personagens na sociedade oitocentista, por meio do pensamento senhorial, pois:

A presença do escravismo é determinante, conforme tratei de mostrar, embora as figuras de escravo sejam raras. Um poucas anedotas esparsas bastam para fixar as perspectivas essenciais. A parcimônia nas alusões, calculada para repercutir, é enfática à sua maneira: um recurso caro ao humorismo machadiano, mais amigo da insinuação venenosa que da denúncia (SCHWARZ, 2000b, p. 112).

Por isso, Octávio Ianni analisa que é necessário fazer uma leitura minuciosa das obras machadianas, para que assim, nas entrelinhas de sua escrita, percebamos a caracterização do negro na obra machadiana. Sendo assim, é possível reconhecer o retrato que Machado fez dos negros. Ademais, Ianni ainda ressalta que “[...] estabelecer Machado de Assis como um dos pilares da literatura negra não significaria reduzir a produção do escritor a uma única temática – a negra – mas, sim, reconhecer a presença e importância desta na obra do escritor” (1988, p. 31).

Um elemento que é muito importante mencionar quando se trata de Machado de Assis é a ironia. Isso porque o escritor adotou-a como parte de seu discurso. Em razão disso, é importante ter atenção nas entrelinhas, mais precisamente em seu discurso irônico. A esse respeito, Gomes (1994, p. 168) destaca:

O discurso irônico (a ironia vista aqui não como um recurso estilístico, mas como mola mestra de um discurso específico) é o discurso do paradoxo. Não trabalha essencialmente com antíteses como faz o discurso de tese, sempre maniqueísta. Não é tampouco o domínio da paráfrase, como aquele que se pretende “neuro” diante da escravidão. O discurso irônico nutre-se do ilógico, do descompromisso ideológico e das incongruências sociais, num procedimento lingüístico que lhe é peculiar: ele volta-se para si mesmo e contra si mesmo, denunciando os equívocos da linguagem e mostrando a falta de senso subjacente aos sentidos consagrados. É mestre na arte da construção e da desconstrução do sentido, pois beneficia-se da dúvida e produz a incerteza.

Por fim, o que se pretende nesta pesquisa é promover o diálogo entre a obra machadiana e o contexto que a envolve, desde o início até a consolidação de Machado de Assis como escritor. Portanto, sua participação na sociedade, como um frequentador de salões está em como desenvolve seus enredos. A partir dessas concepções apresentadas, pretende-se analisar as personagens de três obras de Machado de Assis, levando-se em consideração todas as teorias já pesquisadas e consolidadas.

2 VICENTE: O ESCRAVO ADMIRADOR DE HELENA

Publicado em 1876, *Helena*, embora seja considerada uma obra romântica, apresenta traços da estética realista. Isso porque há nela a caracterização psicológica que se sobrepõe ao tema sobre incesto, tão caro ao Romantismo. O enredo deste romance machadiano gira em torno de um drama sentimental: “a paixão entre dois jovens apresentados como irmãos” (TRÍPOLI, 2006, p. 94). Dividido em 28 capítulos, a ação do romance ocorre em ordem linear, sendo que logo no início do romance Machado de Assis avisa ao leitor, em uma reedição de *Helena*, originalmente em 1878, que:

Esta nova edição de *Helena* sai com várias emendas de linguagem e outras, que não alteram a feição do livro. Ele é o mesmo da data em que o compus e imprimi, diverso do que o tempo me foi depois, correspondendo assim ao capítulo da história do meu espírito, naquele ano de 1876. Não me culpeis pelo que lhe achardes romanesco. Dos que então fiz, este me era particularmente prezado. Agora mesmo, que há tanto me fui a outras e diferentes páginas, ouço um eco remoto ao reler estas, eco de mocidade e fé ingênua. É claro que, em nenhum caso, lhes tiraria a feição passada; cada obra pertence ao seu tempo. (ASSIS, 1994a, p. 01)

Dessa forma, essa não será uma história de amor idealizado e sentimental, mas a de uma narrativa que aborda uma atração física irresistível entre duas pessoas. No romance, o espírito paternalista e escravista predominava. Na sociedade brasileira do século XIX é estampado pela tradicional família dos Vale.

Não nos deteremos na história em si, pois o objetivo deste trabalho é a presença da personagem negra na obra. Porém, nesse primeiro momento apresentaremos um breve resumo segundo as palavras de Mailde Jerônimo Trípoli (2006, p. 94):

Com a morte de seu pai, o Conselheiro Vale, Estácio vem, a saber, da existência de uma irmã, com quem deverá partilhar não apenas a herança, mas o nome, a convivência e o reconhecimento social. Acatada a última vontade do conselheiro, Helena é reconhecida e passa a morar com Estácio e a tia, dona Úrsula. Um imprevisto, porém, acontece: Helena e Estácio apaixonam-se. Tratando-se de um amor impossível, os jovens tratam cada um a seu modo, de fugir de tal sentimento. A verdade, entretanto, é que eles não são irmãos e Helena sabe disto. Porém, a lei e o que pensa a sociedade falam mais alto do que a verdade dos fatos e os sentimentos das pessoas. Declarados irmãos pelo Comendador, fica impossível reverter a situação e assumirem uma relação de paixão. O desfecho da história é, romanticamente, trágico: Helena envergonhada pela mentira que assumiu, a respeito de sua filiação, e não se acreditando merecedora do perdão e do afeto que lhe demonstra, cai em profunda depressão e morre.

O romance *Helena* traz a visão de Machado sobre a história social e política do Brasil em meados do século XIX e ocupa o centro da concepção e estrutura narrativa da obra. “Os acontecimentos narrados estão situados na década de 1850, o que permite ao escritor uma análise pormenorizada da vigência de uma hegemonia política e cultural, historicamente específica” (TRIPOLI, 2006, p. 106), que informa e organiza a reprodução das relações sociais desiguais. Sidney Chalhoub destaca que:

[...] em outras palavras, uma política de domínio assentada na inviolabilidade da vontade senhorial e na ideologia da produção de dependentes garante uma unidade de sentido à totalidade das relações sociais, que parecem então seguir o seu curso natural e inabalável. Todavia, *Helena* não podia ser apenas o registro de certa estrutura de dominação: Machado escreveu tal romance em 1876, evocando as práticas sociais e o “clima” vigentes na década de 1850. Ou seja, é preciso ler *Helena* em suas duas historicidades: a da narrativa — anos 1850 — e a do autor — 1876 —, e considerar que houve, de permeio, a crise social e os debates políticos intensos que culminaram na lei de 28 de setembro de 1871, depois conhecida como Lei do Ventre Livre. Escrito na perspectiva de quem presenciara a emergência da crise nas formas tradicionais de domínio, *Helena* se torna também uma revelação, às vezes sutil, outras vezes aberta e até informada pelo propósito da denúncia, dos antagonismos e da violência inerentes às relações sociais vigentes durante “o tempo saquarema”¹. (2003, p. 09).

Levando em consideração os moldes da sociedade do século XIX, no romance *Helena*, outro fator que devemos considerar são as ações materialistas da protagonista, isso pelo fato da vivacidade e surpresa ao qual a protagonista expressa essas ações. Na ótica de Schwarz (2000a, p. 52) “[...] a sua feição não se entende bem sem o pano de fundo da civilização escravista”. Desse ponto de vista, o romancista expressa a sociedade brasileira do século XIX e analisa aspectos essenciais ao funcionamento e reprodução das estruturas de autoridade e exploração vigentes no período.

Neste capítulo, o objetivo é apresentar o modo como Machado de Assis inseriu personagens negros nessa história de conflitos sentimentais. Dessa maneira, o texto machadiano é entendido pela maioria dos críticos como um reflexo da

¹ Segundo Ilmar Rohloff de Mattos o projeto/tempo saquarema é: “a idéia de que o Estado Imperial, após passar pela fase da Reação, tem uma direção definida pelo Partido Conservador e, dentro dele, pelo grupo Saquarema do Rio de Janeiro. Sua construção política teve como base a inclusão dos Luzias, mas de maneira hierárquica, ou seja, não permitindo a estes o poder de direção, aproveitando-se para fazer isto das tensões sociais entre Casa – Governo – Rua existentes na sociedade brasileira”. (MATTOS, 2004, p. 31).

sociedade. Isso significa que o escritor retratou, mesmo que ficcionalmente, a realidade do seu tempo, da sua sociedade. Assim, pode-se destacar que se estabeleceu para cada personagem um estereótipo social de acordo com a sua etnia e poder econômico.

2.1 O PENSAMENTO ESCRAVOCRATA EM *HELENA*

Logo em seus primeiros capítulos, o romance apresenta um pensamento de feitiço escravocrata, isso quer dizer que a presença senhorial está expressa por meio das ações desenvolvidas. Um exemplo é a própria partilha de bens após a morte do conselheiro Vale. Podemos até pensar que é uma cena comum, porém a leitura de um testamento nos remete, e muito, à ideologia senhorial, “o episódio parece exemplar e concentra o significado social mais decisivo” (CHALHOUB, 2003, p. 10).

Para esta pesquisa é importante entender que um momento como esse significa que a:

[...] dominação de classe: a vontade do chefe de família, do senhor-proprietário, é inviolável, e é essa vontade que organiza e dá sentido às relações sociais que a circundam. [...] o testamento é a manifestação máxima de uma vontade senhorial, sendo ao mesmo tempo o encaminhamento da continuidade de uma política de domínio que precisa sobreviver ao ato derradeiro daquela vontade específica. [...] os herdeiros defendem seus interesses, e frequentemente se desentendem, no processo de partilha dos bens; os agregados e dependentes em geral vivem a incerteza da permanência de arranjos passados; e os escravos, via de regra o elo mais frágil, enfrentam o risco de ver suas famílias e comunidades divididas entre os herdeiros ou bruscamente destruídas por transações de compra e venda. (CHALHOUB, 2003, p. 10).

Este é o primeiro indício da discussão que queremos estabelecer, sendo esta uma obra a que devemos nos deter em algumas datas, o que fica claro, segundo Chalhoub (2003), é que a importância de tal contexto da sociedade do século XIX é que a vontade senhorial torna-se soberana, mesmo após a morte do sujeito que ditou as cláusulas do testamento.

Dentro desses conceitos, mais à frente no romance, deparamo-nos com a seguinte cena:

[Helena e Estácio] Apertaram-se as mãos, e o passeio continuou nas melhores disposições do mundo. Helena deu livre curso à imaginação e ao pensamento; suas falas exprimiam, ora a sensibilidade romanesca, ora a

reflexão da experiência prematura, e iam direitas à alma do irmão, que se comprazia em ver nela a mulher como ele queria que fosse, uma graça pensadora, uma sisudez amável. De quando em quando faziam parar os animais para contemplar o caminho percorrido, ou disreterar acerca de um acidente do terreno. Uma vez, aconteceu que iam falando das desvantagens da riqueza.

— Valem muito os bens da fortuna, dizia Estácio; eles dão a maior felicidade da Terra, que é a independência absoluta. Nunca experimentei a necessidade; mas imagino que o pior que há nela não é a privação de alguns apetites ou desejos, de sua natureza transitórios, mas sim essa escravidão moral que submete o homem aos outros homens. A riqueza compra até o tempo, que é o mais precioso e fugitivo bem que nos coube. Vê aquele preto que ali está? Para fazer o mesmo trajeto que nós, terá de gastar, a pé, mais uma hora ou quase. (ASSIS, 1994a, p. 28).

Este episódio decorre de uma conversa na qual Helena fala sobre o medo e também diz ao suposto irmão saber lidar com o preconceito. Vale lembrar que na época um dos maiores preconceitos em meio a todo o discurso social e religioso era em relação aos negros. Tal tipo de discurso permite-nos apresentar a seguinte reflexão de Trípoli: “[...] pode-se ‘lavar o espírito’ de qualquer tolice que nos seja inculcada, desde que nos perguntemos se há sentido no que nos foi transmitido.” (2006, p. 95). Acrescenta a autora que “[...] o assunto em pauta era medo. Machado fala mais da escravidão quando não está falando dela.” (2006, p. 95).

Voltemos ao episódio, Estácio fala sobre as vantagens e privilégios da riqueza e usa como exemplos o escravo e o tempo, dizendo que eles são privilegiados em não gastarem tanto tempo em relação ao escravo para fazer um mero passeio. Isso porque detêm riqueza, conseqüentemente têm o poder de comprar o tempo. Antes mesmo, insinua que a riqueza é a felicidade e um dos símbolos de independência. Segundo Chalhoub (2003, p. 16):

[...] a fala de Estácio apresenta um movimento interessante: a fortuna vale muito porque garante a independência absoluta; ora, se a independência é absoluta, as obrigações ou os deveres são nenhuns. Ou seja, na visão de mundo de Estácio não haveria lugar para a noção de reciprocidade, não existiria espaço para o reconhecimento dos direitos de outrem. Em sua forma pura — isto é, caso existisse fora de um contexto de luta de classes.

Ainda sob essa perspectiva de Estácio, podemos concluir que os escravos eram os mais dependentes entre os homens. É apenas nesse sentido que deve ser tomado o comentário de Estácio sobre o cativo como “o pior estado do homem” (ASSIS, 1994a, p. 28). Porém, conclui-se que a perspectiva crítica está em Helena, nas falas decorrentes, confirmando que Estácio é mero repetidor da ótica dos escravocratas.

Não é apenas sobre o fato de os escravos serem dependentes que nos chama atenção na fala de Estácio. Nela percebemos que:

O segundo movimento da fala de Estácio é a oposição entre “independência absoluta” e “escravidão moral”. Como vimos, na situação ideal, a tal “independência absoluta”, Estácio não tem entraves morais, pois a moral e tudo o mais são apenas produtos de sua vontade; o oposto disso é a dependência moral absoluta, a escravidão. A expressão “escravidão moral” nesse contexto não é apenas eufemismo ou qualquer outro recurso de retórica: ao contrário, ela exprime o lugar preciso da instituição da escravidão no imaginário senhorial. A escravidão é a situação de máxima dependência nessa sociedade em que o centro da política de domínio é a produção de dependentes. Não é por acaso que, logo em seguida, Estácio procura exemplificar e reforçar o seu argumento contrastando a sua situação diretamente com a do preto, que era, “ao parecer, escravo”. Senhor e escravo são os dois extremos de uma cadeia que começa na “independência absoluta” e termina na “escravidão moral”, na submissão completa, que seria a característica da escravidão. (CHALHOUB, 2003, p. 16).

Como vemos nas palavras de Chalhoub (2003), a escravidão não está apenas no ato de servidão, como considera Estácio, mas também na dependência dessa servidão, que é o caso de Estácio. Ao se dizer mais livre que o cativo, está, ao mesmo tempo, colocando-se em um papel de escravo, pois, para sentir-se livre, é necessário comparar-se a um negro, socialmente “escravo”.

Porém, demonstrando contraste ao espírito capitalista que já se encontra semeado na sociedade que tem posses em pleno século XIX, Helena, diante deste discurso, posiciona-se do seguinte modo:

Helena relanceou os olhos ao quadro que o irmão lhe mostrara. Ao passarem por ele, o preto tirou respeitosamente o chapéu e continuou na mesma posição e ocupação que dantes.

— Tem razão, disse Helena: aquele homem gastará muito mais tempo do que nós em caminhar. Mas não é isto uma simples questão de ponto de vista? A rigor, o tempo corre do mesmo modo, quer o desperdicemos, quer o economizemos. O essencial não é fazer muita coisa no menor prazo; é fazer muita coisa agradável ou útil. Para aquele preto o mais agradável é, talvez, esse mesmo caminhar a pé, que lhe alongará a jornada, e lhe fará esquecer o cativo, se é cativo. É uma hora de pura liberdade. (ASSIS, 1994a, p. 28 e 29).

Segundo Helena, a liberdade não estava na riqueza, no poder de “comprar o tempo” ou deter “independência” como disse Estácio, mas a liberdade estava na sabedoria em saber usufruí-la. Nesse sentido, o escravo, mesmo cativo, podia ser livre por um momento. Era apenas uma questão de ponto de vista. Um exemplo dessa liberdade era a própria vontade de Helena, que, embora livre, tinha as

limitações que a riqueza lhe trazia. Isso é demonstrado no seu grande desejo em sair galopando no campo, porém havia de seguir o ritmo determinado por Estácio.

O que também se pode destacar de Helena a partir desta concepção é que: “a jovem que conhece dois lados de uma mesma realidade, a pobreza de onde veio e a riqueza em que agora vive, mostra saber mais do mundo de que seu pseudo e rico irmão.” (TRÍPOLI, 2006, p. 96). Como se percebe na narrativa, Estácio tem uma visão mais centrada e o pensamento mais senhorial, “um mero repetidor da ótica dos escravocratas”. (CHALHOUB, 2003, p. 19). Ora, ele tem tudo girando ao seu redor e à sua vontade, detém o centro das atenções, herdeiro de bens a ao título de senhor de escravos. E Helena? Helena, ao contrário de Estácio, demonstra saber que não é bem assim que as coisas acontecem:

Para Estácio era um privilégio possuir bens e poder fazer em menos tempo o mesmo trajeto percorrido, a pé, pelo escravo; sem um distanciamento da própria realidade, o jovem não percebe que, para o preto, o prazer estava, exatamente, na demora que lhe propiciava a sensação de liberdade. Educado na perspectiva senhorial, Estácio não se dá conta de possíveis outros ângulos de visão. Por isso, ao ver Helena discordar de seu parecer, retruca da maneira que lhe é peculiar, considerando que a irmã diz o que diz apenas para contrariá-lo. (TRÍPOLI, 2006, p. 96).

O que percebemos é que mesmo Estácio insinuando que Helena contrariava a escravidão, não faz dele um crítico de tal fato. Isso porque “[...] Estácio, ao contrário de Helena, só consegue acesso à instituição da escravidão de forma abstrata: como ele é incapaz de relativizar valores e de perceber diferenças, o jovem nem sequer chega a conceber a idéia de opressão.” (CHALHOUB, 2003, p. 19). Sendo assim, o fato de Helena conhecer tanto a pobreza como a riqueza levam-na a perceber que “[...] os outros existem apenas como dependentes, ou seja, como elementos confirmadores de determinada política de domínio, e logo a escravidão está explicada como parte constitutiva da ordem natural das coisas”. (CHALHOUB, 2003, p. 19).

Estácio demonstra-se admirado com a habilidade de raciocínio na pseudoirmã, afirmando logo em seguida que ela deveria ter nascido homem. Claro, cumpre levar em consideração que na sociedade da época as mulheres apenas serviam o lar. Vale lembrar que sequer direito a livros mais conceituais eram permitidos às mulheres e apenas um homem teria condições de pensar a respeito

das condições de vida e liberdade. Isso explica a admiração de Estácio pelo discurso de Helena.

Machado usa a ironia, por exemplo, por meio de uma comparação entre cativos e animais. Isso ocorre ainda que Helena continue a falar de cativo. Numa sociedade escravista, escravos e animais encontram-se muitas vezes em lugar semelhante no que tange à estrutura legal e até às representações sociais:

[...] num inventário post-mortem, por exemplo, escravos e animais aparecem lado a lado como os bens semoventes do senhor/proprietário; nos discursos de denúncia contra a escravidão, era comum que os críticos do regime acentuassem seus horrores traçando paralelos entre a condição dos escravos e a dos animais “irracionais” à sua volta. Pois então a galhofa de Helena torna-se dissimulação. Ela declara que não vai fazer a vontade do irmão e, portanto, não defenderá a causa de que o cativo é uma “bem-aventurança”. [...] Na realidade, o filho do conselheiro poderia imaginar a condição do escravo de duas maneiras, ambas rigorosamente coerentes com o seu círculo de idéias. A primeira é a que já foi mencionada: Estácio se compara diretamente ao escravo, avalia a condição do outro a partir apenas dos valores que servem para dimensionar a sua própria condição, e então conclui que o cativo é “o pior estado do homem”. A segunda maneira é a que Helena desenvolve metaforicamente por meio de Moema: nesse caso, o senhor não se compara ao escravo de modo direto, mas imagina aquilo que ocorre na mente do cativo quando este pensa a própria condição. Como o escravo seria um dependente moral do senhor, ele avalia a sua situação tendo como critério o poder senhorial e a conseqüente proteção que tal poder lhe confere. Estácio era um homem poderoso, logo seus criados deviam ter boa dose de “orgulho de servilidade”. É também o que ocorre com Moema, que se sente toda feita porque está conduzindo o corpinho esbelto de Helena; é isto o que nos explica a galhofeira narcisista, quando pergunta: “Se não a tivéssemos cativa, receberia ela o gosto de me sustentar e conduzir?”. (CHALHOUB, 2003, p. 10).

Dessa maneira, o discurso de Helena se iguala ao de Estácio, pois ao metaforizar a escravidão e humanizar os sentimentos de uma égua, Helena descreve os meios de dominação, seja política ou lógica, que reaparece e se reforça em inúmeras situações específicas de controle e subordinação.

Por fim, o último aspecto a qual analisaremos sobre o pensamento escravocrata se dá no trecho que antecede o discurso de Helena, quando ocorre a apresentação do escravo que Estácio usa como exemplo. Esta apresentação se dá por meio de uma intervenção de um narrador heterodiegético:

O preto de quem Estácio falara, estava sentado no capim, descascando uma laranja, enquanto a primeira das duas mulas que conduzia, olhava filosoficamente para ele. O preto não atendia aos dois cavaleiros que se aproximavam. Ia esburgando a fruta e deitando os pedaços de casca ao focinho do animal, que fazia apenas um movimento de cabeça, com o que parecia alegrá-lo infinitamente. Era homem de cerca de quarenta anos; ao

parecer, escravo. As roupas eram rafadas; o chapéu que lhe cobria a cabeça tinha já uma cor inverossímil. No entanto, o rosto exprimia a plenitude da satisfação; em todo o caso, a serenidade do espírito. (ASSIS, 1994a, p. 28).

Percebemos que há uma riqueza da descrição, talvez um dos modos que Machado de Assis emprega para retratar a realidade de um escravo da época. A descrição nos remete até mesmo à figura do escravo representado em filmes e telenovelas. Mas o que mais chama a atenção é o pequeno discurso de Estácio a sua irmã sobre riqueza, com ideias completamente elitistas, como já discutido. Contrária a esses pensamentos elitistas, ao espírito capitalista, Helena percebe a alegria do escravo em aproveitar a liberdade que tem durante aquela demorada trajetória a pé por estar longe da senzala, e defende ainda que o tempo deve ser valorizado e aproveitado, e não gasto com a maior quantidade de coisas no menor prazo.

Em suma, o espírito de Helena se revela contestador e humanístico, apesar de ter todo o estudo e a estrutura para se manter como uma dama da alta sociedade. Neste ponto do livro, evidenciam-se a posição e a identidade de Helena: ela é como a consciência dessa classe elitista, bastarda, que veio de fora para tentar a libertação das amarras sociais machistas, preconceituosas, e materialistas. Com doçura e com discrição, a moça expõe seus ideais, que vai de encontro às duras tradições senhoriais.

2.2 VICENTE: O ESCRAVO FIEL

Um dos personagens negros que merece destaque e que tem espaço na obra é Vicente, e sua apresentação se dá logo no início da trama, por volta do capítulo IV. Sua descrição é um tanto romântica, com insinuações mais de sentimentos que de fatores práticos, porém o que vamos discutir é a forma como a narrativa de Machado de Assis é crítica ao descrever Vicente:

Pouco havia ganho no espírito de D. Úrsula; mas a repulsa desta já não era tão viva como nos primeiros dias. Estácio cedeu de todo, e era fácil; seu coração tendia para ela, mais que nenhum outro. Não cedeu, porém, sem alguma hesitação e dúvida. A flexibilidade do espírito da irmã afigurou-se-lhe a princípio mais calculada que espontânea. Mas foi impressão que

passou. Dos próprios escravos não obteve Helena desde logo a simpatia e boa vontade; esses pautavam os sentimentos pelos de D. Úrsula. Servos de uma família, viam com desafeto e ciúme a parenta nova, ali trazida por um ato de generosidade. Mas também a esses venceu o tempo. Um só de tantos pareceu vê-la desde princípio com olhos amigos; era um rapaz de 16 anos, chamado Vicente, cria da casa e particularmente estimado do conselheiro. Talvez esta última circunstância o ligou desde logo à filha do seu senhor. Despida de interesse, porque a esperança da liberdade, se a podia haver, era precária e remota, a afeição de Vicente não era menos viva e sincera; faltando-lhe os gozos próprios do afeto, — a familiaridade e o contato, — condenado a viver da contemplação e da memória, a não beijar sequer a mão que o abençoava, limitado e distanciado pelos costumes, pelo respeito e pelos instintos, Vicente foi, não obstante, um fiel servidor de Helena, seu advogado convicto nos julgamentos da senzala. (ASSIS, 1994a, p. 16).

Como podemos perceber, Vicente foi o primeiro a simpatizar com Helena, um mero moleque, “cria” de casa e muito estimado pelo conselheiro Vale. Vicente é encarregado por Estácio a ser pajem de Helena e com isso torna-se um fiel servidor da jovem, não apenas em serviços domésticos, mas como seu defensor nos julgamentos da senzala. No retrato feito pela narrativa, menciona-se que Vicente era “advogado convicto nos julgamentos” sobre Helena na senzala. Nessa citação nos remetemos há uma possível ironia de Machado. Ora, há julgamentos na senzala? Os escravos discutem, questionam e emitem seus próprios julgamentos sobre os senhores.

Como pautavam seus sentimentos pelos de d. Úrsula, os escravos da família ficaram inicialmente insatisfeitos com a chegada de Helena; Vicente, no entanto, pelo fato de haver sido tão estimado pelo conselheiro, aceitou logo aquela que se lhe apresentava como filha do finado senhor e se tornou então “um fiel servidor de Helena, seu advogado convicto nos julgamentos da senzala” (H, cap. IV). O comentário mais crucial da passagem, todavia, é o de que a dedicação de Vicente à rapariga era “despida de interesse, porque a esperança da liberdade, se a podia haver, era precária e remota” (H, cap. IV). A necessidade de mencionar a esperança da alforria — ou até de justificar a sua possível ausência. (CHALHOUB, 2003, p. 33).

Dessa maneira, a visão de escravidão constante no romance sugere que há um importante elemento em retratar também as políticas de domínio exercidas sobre escravos e dependentes. Como vimos anteriormente, Vicente é fiel à Helena, mesmo não tendo pretensão de libertação. Mesmo assim, sob a ótica da classe dos senhores e proprietários, as relações sociais de dominação estão assentadas no pressuposto da inviolabilidade da vontade senhorial. Podemos concluir que se Machado tinha a pretensão em um testemunho histórico, é possível traçar mais

paralelismos entre os movimentos de Vicente e os de outros personagens que temos acompanhado no romance.

Outra cena interessante é a que Estácio ficara amuado porque a irmã fizera o passeio matinal a cavalo sem a sua companhia; ele se dizia preocupado com a possibilidade de Helena sofrer um acidente. É interpelado por Helena, que fingia não entender bem o motivo da casmurrice do rapaz:

- Parece que sim. Não me fala, não se importa comigo, anda carrancudo... Seria por eu sair de manhã?
- Confesso que não gostei muito.
- Pois não sairei mais.
- Não; pode sair. Mas está certa de que não corre nenhum perigo indo só com o pajem?
- Estou.
- E se eu lhe pedir que não saia nunca sem mim?
- Não sei se poderei obedecer. Nem sempre você poderá acompanhar-me; além disso, indo com o pajem, é como se fosse só; e meu espírito gosta, às vezes, de trotar livremente na solidão.
- Naturalmente a pensar de coisas amorosas... acrescentou Estácio cravando os olhos interrogadores na irmã. (ASSIS, 1994a, p. 47)

Entra em questão o fato de que se Helena houvesse saído sozinha seria alvo de tantas preocupações de Estácio? Porém, Helena resume para Estácio, em termos que seriam inteligíveis para o mancebo, qual o tipo de relação que ela tinha com Vicente.

Um fato ainda desconhecido aqui neste trabalho é o fato de Helena não prometer obedecer ao pedido de Estácio, pois Vicente era seu cúmplice nas visitas que fazia secretamente ao seu verdadeiro pai, Salvador. Por isso, Helena busca justificar diante de Estácio os passeios que continuaria a fazer em companhia do moleque. Uma curiosidade é a forma como Helena emprega o recurso que sabia utilizar tão bem: ela narra a Estácio uma versão para a sua relação com Vicente que se mostra apenas uma reprodução da ideologia senhorial a qual já foi apresentado anteriormente. Sendo assim, Vicente é um nada diante da vontade de Helena, e a moça chega a produzir a pérola de que “indo com o pajem, é como se fosse só” (ASSIS, 1994a, p. 47).

Mais adiante, Machado nos oferece versão diferente entre o relacionamento entre Helena e Vicente. A moça fora fazer mais uma visita a Salvador, porém voltava triste porque não o encontrara em casa. Vemos aqui uma lealdade demonstrada por Vicente, pois compartilhava os mesmos sentimentos da senhora:

Vinha triste e pensativa. A égua, a passo vagaroso, não sentia o esforço da cavaleira, que a deixava ir, frouxa a rédea, inútil o chicote. O pajem levava os olhos na moça com um ar de adoração visível; mas, ao mesmo tempo, com a liberdade que dá a confiança e a cumplicidade fumava um grosso charuto havanês, tirado às caixas do senhor. (ASSIS, 1994a, p. 70).

Podemos notar que os sentimentos de Vicente são semelhantes ao de Helena, desta maneira, “por um lado, há o reconhecimento pela proteção senhorial — a ‘adoração visível’ de Vicente e a gratidão de Helena; por outro, há a possibilidade de ‘traduzir’ essa obediência em conquistas ou espaços de autonomia”. (CHALHOUB, 2003, p. 38). Um exemplo desta autonomia é a referência ao charuto havanês, o que remete o leitor de *Helena* a um contexto da escravidão urbana, que era, “o tanto de experiência histórica mais familiar a Machado.” (CHALHOUB, 2003, p. 38).

Sobre a questão da escravidão urbana, Perdigão Malheiro (1976, p. 95-96) assinala o seguinte:

Nas cidades já se encontram escravos tão bem-vestidos e calçados, que, ao vê-los, ninguém dirá que o são. Até o uso do fumo, o charuto sobretudo, sendo aliás um vício, confundindo no público todas as classes, nivelando-as para bem dizer, há concorrido a seu modo para essa confraternidade, que tem aproveitado ao escravo; o empréstimo do fogo ou do charuto aceso para que um outro acenda o seu e fume, tem chegado a todos sem distinção de cor nem de classe. E assim outros atos semelhantes.

Claro, estamos diante de uma possível descrição exagerada por parte de Malheiro, mas o que devemos considerar é o fato de Machado, ao utilizar o exemplo do charuto, sugerir o tanto de liberdade conquistado por Vicente. Talvez o que esteja implícito é o registro de uma aproximação, ao menos simbólica, à condição de liberdade.

O momento em que Vicente age de modo próprio está no episódio do auge da crise entre Helena e a família do conselheiro. Ao desconfiar que a senhora padecesse, o pajem interpela o padre Melchior para descobrir o que estava ocorrendo. O padre desconversa e manda o moleque sossegar, mas este permanece inquieto e comenta que “há alguma coisa que o escravo não pode saber”, em seguida, e para reafirmar a sua resolução de fazer algo por Helena, Vicente diz ao padre que “também o escravo pode saber alguma coisa que os brancos tenham vontade de ouvir”. (ASSIS, 1994a, p. 86)

No contexto desses acontecimentos, a ação de Vicente é vista por Trípoli (2006, p. 98) da seguinte forma:

[...] Vicente, como Pedro (*O Demônio Familiar*), embora escravos, ocupam espaço, interferem na ação. Jogam com o mínimo de liberdade que possuem. Ao pressentir que Helena está com problemas, aflige-se, mas não se limita a observar os fatos. V ai a procura de informações, posiciona-se, age. Não é o escravo estereotipado, fiel e acomodado, o que aí se apresenta. Embora secundário, Vicente desempenha seu papel de sujeito; cativo, mas com voz.

Dessa maneira, o pajem estava agindo com autoria própria, o que se dá por meio de “interpretação historicamente verossímil para a atitude de Vicente, além da ‘adoração visível’ pela senhora, seria a de que ele entendia que sua esperança de alforria estava estreitamente ligada ao destino de Helena” (CHALHOUB, 2003, p. 35). Porém, não é esse o desfecho explícito que Machado dá ao problema. Tudo o que temos é a interpretação que Helena oferece para o movimento próprio de Vicente e, nesse momento, a moça apenas reproduz um discurso senhorial: “porque infundiu aí no corpo vil do escravo tão nobre espírito de dedicação. Delatou-me para restituir-me a estima da família” (ASSIS, 1994a, p. 119). Dentro desse contexto, o fato é que Helena é “[...] à sua maneira, um testemunho histórico: sendo a senhora de Vicente, a moça repete em relação a este, pelo menos num momento de crise, determinada lógica de domínio, e então interpreta o movimento do escravo como mera subordinação à vontade senhorial.” (CHALHOUB, 2003, p. 36).

Diante desses fatos, Chalhoub (2003, p. 37) conclui que:

Em suma, se há em Helena elementos suficientes para colocar em xeque a definição convencional de paternalismo já mencionada, também é verdade que há nesse romance indícios suficientes para questionar a idéia da vigência de uma separação muito marcada entre paternalismo e escravidão, outro pressuposto importante na chave de leitura de Schwarz. Voltemos à preciosa observação do próprio Schwarz de que a situação dos “dependentes depende da existência da escravidão, se configura a partir dela, inclusive um dos pavores básicos do dependente era ser tratado como escravo, coisa que ele precisava evitar a todo custo”.

Sendo assim, este desfecho diz respeito às vontades senhoriais e como este discurso estava presente nas políticas de domínio tanto de escravos quanto de agregados e dependentes em geral. A escravidão, de modo geral, era a situação de máxima dependência. É isso que esclarece o sentido da afirmação de que a situação dos dependentes se configura a partir da condição dos escravos.

Enfim, Machado de Assis, ao abordar os temas de escravidão nos antagonismos entre senhores e dependentes, retratava a lógica de dominação que era hegemônica e organizava as relações sociais no Brasil oitocentista, incluído aí o problema do controle dos trabalhadores escravos. Dessa maneira, ao fazer isso, o romance machadiano produzia outro registro realista extremamente sutil e eficaz.

De fato, na segunda metade do século XIX, e mais ainda após a lei de 1871, Estácio, e mais adiante Brás Cubas e Bentinho, vivia num mundo em que a visibilidade da escravidão permanecia inevitável. Outro fator que devemos citar é que, ao escolher o ambiente senhorial, Machado de Assis também adotou a aparência que suas personagens procuravam aparentar; no entanto, qualquer leitor do século XIX saberia observar essa aparência a contrapelo.

3 PRUDÊNCIO: A TRANSIÇÃO DE ESCRAVO A SENHOR

A presença de um negro em um romance de Machado de Assis não coloca a escravidão ou até mesmo o papel do negro na sociedade em discussão, muito menos faz alusão de contestação, porém diz respeito ao reconhecimento da realidade social do século XIX. Dessa forma, o penúltimo romance publicado pelo escritor antes da abolição de escravos, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), assegura o rótulo de amadurecimento do escritor. Neste romance, a sociedade oitocentista é retratada sob um viés conflitioso, aspirando a ser moderna e acompanhando os acontecimentos do Velho Mundo. Ao mesmo tempo, os membros dessa sociedade não abrem mão de instituições como a da escravidão e das relações de dependência a que estavam habituados.

Diante do amadurecimento de Machado de Assis, percebemos que em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* há o surgimento de personagens com tons mais irônicos, como o caso do narrador ser um defunto, que se depara com circunstâncias nas quais a ironia constrói um discurso de arrependimento. Diante dessas referências, segundo Regina Zilberman (2012, p. 17), Machado de Assis “abandonou as tramas românticas, os enredos lineares, a perspectiva onisciente e atirou-se a um estilo renovador, de difícil inclusão [...] que a literatura do século XIX é classificada”. Ainda de acordo com Zilberman, o desconforto do escritor já vinha de antes, com sua publicação do ensaio “A nova geração” em 1879, pois com esse ensaio Machado “sugere a ruptura ao manifestar sua desconformidade com a nova poesia, de orientação antirromântica” (ZILBERMAN, 2012, p. 17). Dessa maneira, o romance vem ao encontro dessa ruptura por parte de Machado, pois a inserção de um personagem como Prudêncio (negro, escravo e alforriado) é determinante para a reflexão do protagonista da trama sobre os comportamentos da sociedade brasileira do século XIX.

Neste contexto, como parte inerente da sociedade, a escravidão aparece focalizada de maneira explícita, maneira essa que Machado também a exibiu em sua obra, embora os personagens escravos sejam poucos, havendo mais ênfase na abordagem da personagem Prudêncio. Ao trazê-lo para a cena do romance, Machado deixa evidente que “o que se tem de mais interessante, ligado ao tema, é uma visão ambígua e enviesada com que o defunto-autor aborda a questão da desigualdade social” (TRÍPOLI, 2006, p. 101).

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Prudêncio é um escravo que servia de cavalo ao pequeno Brás Cubas, e que, depois de liberto, compra para si um escravo. Apesar de aparecer em situações diferentes no romance, a forma como ele foi retratado faz que seja digno de menção quando se trata de avaliar a presença do tema do afrodescendente na obra machadiana.

O ponto de vista do narrador externo faz que o romance seja ousado e verossímil. Brás Cubas vivencia situações similares e contrárias, em que o espelho da sociedade inspira o romance. Além disso, o fato de um morto narrar a história torna-o intrometido e inconveniente. Além disso, “[...] os fatos dizem a respeito à sua história, apresentada conforme o ângulo exclusivo do memorialista” (ZILBERMAN, 2012, p. 23), chegando por muitas vezes a uma atitude mais agressiva, “[...], contudo, está radicalmente separado deles porque somente começou a narrá-los *post-mortem*, vale dizer, depois de tudo encerrado, ao modo do relato heterodiegético” (ZILBERMAN, 2012, p. 23).

Nesse sentido, é esta atitude que permite a aproximação e viabiliza uma crítica direta à classe social dominante e sua pretensão de superioridade, visto que, quando vivo, Brás Cubas era dominado e submisso às normas e regras de seu meio social. Morto, ele anuncia: “Agora, porém, que estou do outro lado da vida, posso confessar tudo” (ASSIS, 1994b, p. 4).

Pode-se constatar que a partir da leitura da obra de Machado, encontram-se vários trechos nos quais o autor se detém a focar as relações sociais e os acontecimentos históricos da época. Nesses, os acontecimentos políticos de dominação dos senhores sobre os escravizados. Por isso, é necessário se repensar, nos limites deste trabalho, a obra *Memórias póstumas*. Dentro do contexto deste romance, há Prudêncio, uma das personagens negras que chama a atenção por representar uma alegoria da mentalidade senhorial.

3.1 O MOLEQUE DO SINHOZINHO

Prudêncio, um escravo que servia de cavalo ao pequeno Brás Cubas, depois de liberto, compra para si um escravo. Apesar de aparecer em duas cenas do romance, a forma como foi retratado torna-o digno não só de menção, mas também

de estudo, quando se trata de avaliar a presença do tema negro na obra de Machado de Assis.

A partir desta consideração, é necessário citar que o modo mais referido aos negros ou escravos, na literatura do século XIX, é o de indiferença, como criaturas dotadas de má índole, preguiçosas, diabólicas, feiticeiras, devassas. Nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o autor-defunto se autodenomina como “menino diabo”, uma ironia de Machado, pois inverte os papéis, ao relacionar a figura do sinhozinho com a do diabo. Segundo Mailde Jerônimo Trípoli (2006, p. 105):

Um demônio, confessa-se. Mimado e cheio de vontades, sempre satisfeitas, não admitia ouvir um “não”. Se isso lhe ocorria, o revide era imediato, como, por exemplo, quando uma escrava se recusa a dar-lhe uma colher do doce que estava fazendo. Não apenas quebra a cabeça da mulher, mas joga as cinzas no doce e depois acusa a escrava de ter cometido o estrago de propósito.

O menino Brás Cubas faz travessuras, é maldoso, ardiloso e vingativo. Tais observações nos levam a pensar que a ironia, uma grande ferramenta nas mãos de Machado, nesse caso não soou como crítica, pois, tratando-se das memórias do narrador e sendo uma afirmação do próprio narrador para si mesmo, tem-se a definição de que o morto estivesse fazendo uma confissão, talvez até uma confissão com tons de arrependimento.

Fato é que, ainda criança, como era normal para a época, Brás tinha a seu serviço um moleque, Prudêncio, cuja principal função era servi-lhe de cavalo nas brincadeiras. Nessas confissões do menino-diabo, o escravo era obrigado a dar inúmeras voltas, tendo nas costas o sinhozinho fustigando-o com uma vara.

No capítulo intitulado “O menino é pai do Homem”, nas travessuras do menino-diabo, é que aparece pela primeira vez a personagem Prudêncio:

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o; dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, – algumas vezes gemendo – mas obedecia sem dizer palavra ou, quando muito, um – “ai, nhonhô!” – ao que eu retorquia: – “Cala a boca, besta!” (ASSIS, 1994b, p. 15).

Esses relatos e fatos esboçam um panorama nítido da realidade da época. As travessuras do pequeno Brás são marcadas, principalmente, pelo tratamento perverso aos escravos de sua família. Um exemplo, acima citado, é quando Brás

Cubas, ao ser contrariado, aos seis anos, quebra a cabeça de uma escrava, cozinheira da casa, depois de esta lhe ter negado uma colher de doce de coco e, não satisfeito, culpa a cativa alegando que ela havia estragado o doce de propósito. Segundo Roberto Schwarz (2004, p. 16):

[...] sem faltar ao respeito, colocava em exame o desvalimento inaceitável dos dependentes e o seu outro pólo, as arbitrariedades dos proprietários, igualmente inaceitáveis, embora sob capa civilizada. Quanto ao gênero, tratava-se de um realismo bem-pensante, destinado às famílias. Quanto à matéria, Machado fixava e esquadrihava com perspicácia um complexo de relações característico, devido ao reaproveitamento das desigualdades coloniais na órbita da nação independente, comprometida com a liberdade e o progresso.

Sendo assim, Prudêncio também não escapava às maldades do pequeno. O tratamento malvado “ao escravo pelo pequeno ‘nhonhô’, marcado, sobretudo, por atitudes agressivas, denuncia a maneira utilitária com que o adulto Brás Cubas irá ver as pessoas ao seu redor” (LOPES, 2007, p. 103). Por exemplo, quando Brás Cubas era criança, Prudêncio lhe servia de cavalo; quando adulto, D. Plácida se fez útil ao narrador-personagem enquanto capaz de camuflar os encontros amorosos que mantinha com Virgília.

Esses relatos nos levam a perceber a figura de coisificação e animalização do sujeito escravo, assinalada na passagem citada. O capítulo do qual foi retirado o trecho acima encontra-se marcado pela enumeração e pela classificação daqueles que se encontravam ao redor de Brás Cubas, “na infância. Seu pai, diante de suas travessuras, batia-lhe na cabeça a rir: ‘Ah! Brejeiro! Ah! Brejeiro!’” (LOPES, 2007, p. 104). E ainda, quando questionado a respeito da educação destinada ao filho, afirmava praticar um sistema educacional novo, próprio e superior. Assim, o pai iludia a si mesmo, diante da falta de autoridade.

Para termos uma discussão mais ampla, é necessário estabelecermos algumas hipóteses através de algumas teorias. Dentro desta ideia podemos inserir a *Dialética² do senhor e escravo³*, apresentada por Hegel, que traz nas suas linhas de

² No dicionário de Hegel, Michael Inwood conclui que: “Para Hegel, a dialética não envolve um diálogo entre dois pensadores ou entre um pensador e o seu objeto de estudo. É concebida como a autocrítica autônoma e o autodesenvolvimento do objeto de estudo, de, por exemplo, uma forma de consciência ou um conceito” (1997, p.99).

³ É importante destacar que esta estrutura apresentada por Hegel não se reduz apenas a uma descrição das relações sociais e que apresenta uma estrutura ontológica, que demonstra como a subjetividade é constituída. O senhor e o escravo é apenas uma metáfora usada neste conceito, porém, para este trabalho o interesse visa a demonstrar os aspectos sociais e que não por menos também está inserido nos aspectos ontológicos.

pensamento a ideia das figuras. Esta linha é responsável por traçar o processo de formação do sujeito para o saber, unindo dialeticamente as experiências da consciência que encontram expressões exemplares na história da cultura formada pelo homem.

Na dialética do senhor e do escravo, Hegel aponta o senhor como se fosse a vida e o escravo como fosse um ser para o outro, sendo comparado a uma coisa. O senhor é visto como para-si⁴, enquanto o escravo é a ponte entre o senhor e o objeto de seu querer, sendo o escravo uma coisa de seu senhor, “o que o escravo faz é justamente o agir do senhor, para o qual somente é o ser-para-si, a essência: ele é a pura potência negativa para a qual a coisa é nada, e é também o puro agir essencial nessa relação” (HEGEL, 1992, p.131).

Hegel pontua o conceito de escravo, para tanto é dinâmico na medida em que, denomina como consciência (ser) dependente diante da consciência independente (a do senhor), pois “é a potência que está por cima desse ser; ora esse ser é a potência que esta sobre o Outro; logo, o senhor tem esse Outro por baixo de si” (HEGEL, 2007, p. 190). Em um segundo conceito, o escravo além de ser consciência dependente é quem reconhece o senhor como tal e o senhor alcança “a verdade da certeza de si mesmo” (HEGEL, 2007, p. 192), portanto. Dentro desse raciocínio, Nicuia observa que “o conceito do escravo torna-se também responsável pela constituição do conceito do senhor, embora os dois conceitos não sejam similares” (2009, p. 41). Na leitura de Hegel, isso indica que:

Claro que esse objeto não corresponde ao seu conceito; é claro, ao contrário, que ali onde o senhor se realizou plenamente, tornou-se para ele algo totalmente diverso de uma consciência independente; para ele, não é uma tal consciência, mas uma consciência dependente. (2007, p. 192)

A partir das considerações de Hegel, pode-se evidenciar que, apesar de ser apenas um relato, sem julgamentos, o sujeito que viveu essa história tinha plena consciência de sua condição social, prezava-a e a ela se adaptara. Afinal, o narrador já fora deste mundo e no momento de sua narração pôde analisar e estabelecer os laços em que os brancos senhores diziam-se livres e exemplares. Porém, eram dependentes do elemento servil, talvez isso fosse para aliviar suas falhas morais e

⁴ Segundo Paulo Meneses: “O para-si podemos entender como uma consciência-de-si. Quando dizemos que há seres independentes, é o mesmo que dizer que são para-si; entendendo para-si como retorno à unidade e a unidade como algo que está no interior de cada ser finito” (1985, p. 73).

éticas. Em contrapartida, é importante frisar que não há manifestação a favor do escravo, sendo assim, o relato contraria a trivial enumeração dos estereótipos dos negros.

Desta forma, a maldade das atitudes do pequeno Brás era vista pelo pai apenas como traquinagem de criança. Além disso, sua mãe é descrita como “uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa” (ASSIS, 1994b, p. 15), que se mantém temente a Deus e ao marido. Outro personagem de relevância para o pequeno Brás era o tio João, o qual foi descrito como um homem falastrão, contador de história e piadas obscenas que faziam o menino rir. O tio cônego era dotado de um “espírito medíocre” (ASSIS, 1994b, p. 15). Nesses exemplos da genealogia familiar, o narrador conclui:

[...] o que importa é a expressão geral do meio doméstico, e essa aí fica indicada – vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutilantes, do arruído, frouxidão da vontade, domínio do capricho, e o mais. Dessa terra e deste estrume é que nasceu esta flor (ASSIS, 1994b, p. 15).

Na passagem acima e noutras do romance, percebe-se que Machado de Assis supera o Romantismo, utilizando ferramenta como as “cores da ironia” para transcender a necessidade de uma limitação estética da corrente literária que precedeu a que ele está vinculado. Outrossim, o uso da ironia serve de suporte na superação das formas literárias estabelecidas, fazendo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* não só um marco de uma nova tendência, mas também uma das obras-primas que o inseriram na tradição literária da ficção irônica.

No capítulo XI, “O menino é o pai do homem”, a apresentação do então escravo Prudêncio acontece com o menino Brás zombando dele e humilhando-o. Observamos na atitude da criança caprichosa o quanto existe um Brás Cubas prepotente, que irá mostrar, de uma forma irônica, o habitual ritual nos castigos a que os escravos estavam sujeitos, mesmo que essas ações não apareçam em primeiro plano na narrativa. Em lugar das formas da subordinação dos escravos a seus proprietários, o narrador usa “um recurso caro ao humorismo machadiano, mais amigo da insinuação venenosa que da denúncia.” (SCHWARZ, 2000a, p. 112). A este tratamento dado ao escravo, Octávio Ianni (1988, p. 22) faz a seguinte constatação:

(...) o ceticismo essencial de Machado de Assis lhe permitia visualizar o escravo e o livre no contexto da miséria social inerente à sociedade. Para muitos, a alforria poderia significar uma calamidade, quanto às condições de vida e trabalho que teriam de enfrentar.

Este tipo de atitude é mantido por toda a obra, porém o autor não revela qualquer tipo de comentário ou reação que demonstre o seu posicionamento, sendo ele contra ou a favor daquela realidade. Desta maneira, o autor implícito revela, mais uma vez, a ambiguidade da sociedade brasileira do século XIX, a qual pretende ser moderna, porém, está condicionada aos vícios do conservadorismo escravocrata e seus aspectos violentos.

3.2 O EX-ES CRAVO ALGOZ

O romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, cuja primeira edição, em folhetim, data do fim de 1879 e início de 1880, foi publicado em volume no ano seguinte. Ao se analisar essas datas, podemos observar que ainda havia escravidão no país, embora os movimentos abolicionistas, desde a década anterior, viessem crescendo em importância e abrangência.

Na narrativa, os primeiros indícios da decadência do regime escravocrata se dão por volta do capítulo XCII, coincidindo com meados da década de 1840. É a partir daí que ocorrem iniciativas visando à extinção do regime servil. Segundo Zilberman (2002, p. 02), “a Inglaterra pressiona então o governo monárquico a suspender o comércio de africanos, ação que, de certo modo, reforça o partido escravocrata” e que lhe ofereceria uma bandeira nacionalista.

O retrato que Machado de Assis faz dessa época, como dito acima, se dá no capítulo XCII, por intermédio do Damasceno, personagem secundário que faz um discurso contra a interferência britânica em territórios brasileiros, visto que tal atitude revela interferência nos negócios do país. Porém, pode-se verificar que “não se mobiliza com a mesma paixão contra os maus tratos dados aos escravos” (ZILBERMAN, 2002, p. 03).

Já no capítulo XLVI nos deparamos com a notícia de libertação de Prudêncio. Esta notícia provém da partilha de bens entre Brás Cubas e Sabina, sua irmã, que conta também com a intermediação do cunhado Cotrim:

Veja-nos agora o leitor, oito dias depois da morte de meu pai, — minha irmã sentada num sofá, — pouco adiante, Cotrim, de pé, encostado a um consolo, com os braços cruzados e a morder o bigode, — eu a passear de um lado para outro, com os olhos no chão. Luto pesado. Profundo silêncio.

[...]

— Ora, mano, deixe-se dessas coisas, disse Sabina, erguendo-se do sofá; podemos arranjar tudo em boa amizade, e com lisura. Por exemplo, Cotrim não aceita os pretos, quer só o boleeiro de papai e o Paulo...

— O boleeiro não, acudi eu; fico com a sege e não hei de ir comprar outro.

— Bem; fico com o Paulo e o Prudêncio.

— O Prudêncio está livre.

— Livre?

— Há dois anos.

— Livre? Como seu pai arranjava estas coisas cá por casa, sem dar parte a ninguém! Está direito. Quanto à prata... creio que não libertou a prata? (ASSIS, 1994b, p. 54 a 55).

Podemos notar que Brás Cubas trata Prudêncio como uma mera mercadoria, como se fosse mera prataria, que entraria em sua parte na herança, porém o escravo já não era mais um escravo, mas um homem livre, não pertencia mais à família Cubas. A cena nos remete à indignação da irmã e do cunhado de Brás pelo fato de a bondade do velho Cubas ter libertado um escravo.

Mais adiante, no capítulo LXVIII, intitulado “O Vergalho”, Prudêncio o moleque que servia de cavalinho para o pequeno Brás, reaparece no romance, desta vez não como uma mera mercadoria, mas como ex-escravo. Durante uma caminhada, numa situação inusitada, Brás Cubas se depara com Prudêncio:

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-me um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras:

— “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!”

Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

— Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

— Meu senhor! gemia o outro.

— Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, — o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

— É, sim, nhonhô.

— Fez-te alguma coisa?

— É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

— Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

— Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado! (ASSIS, 1994b, p. 76).

Em um primeiro momento da cena, o leitor se surpreende, haja vista a forma como a cena denigre aquela lembrança penosa sobre o escravo, pois Prudêncio fica exposto à crueldade e falta de consideração para com o próximo, sendo este da mesma etnia. Entretanto, não nos esqueçamos do tom irônico e satírico utilizado por Machado em suas obras e mais a frente a confissão do próprio narrador “Vergalho recebido, vergalho transferido” (ASSIS, 1994b, p. 76).

Por isso, antes de recorrermos a este episódio, é necessário retomar o capítulo XI, cujo título é “O menino é pai do Homem”. A partir dele, podemos entender as atitudes na infância e na visão de mundo das personagens familiares. Mais ainda: conseguimos detectar características que irão acompanhar a trajetória de vida tanto de Brás Cubas como de Prudêncio. Deste último, o comportamento de castigar seu escravo pode ser explicado como o modo ao qual foi acostumado receber no corpo as marcas do chicote empunhado pelo menino-diabo, e que agora, posteriormente, adotou como forma de exercer o poder que não tivera no passado.

A partir desse contexto, haveria a hipótese de que essa atitude é uma forma de Prudêncio se vingar das pancadas recebidas do antigo dono? É possível que “o esboço do caráter de Prudêncio se delineia em consonância irônica com a disfunção social da injustiça generalizada”? (SOUZA, 2006, p. 120) A vítima do arbítrio dos proprietários passa a ser o algoz, já que “[...] a dialética do senhor e do escravo ironicamente se converte na reversibilidade do servo que não se distingue do tirano.” (SOUZA, 2006, p. 120). De acordo com o caráter contraditório do homem, “a unidade da obra de arte irônica é a unidade paradoxal do nada, do cosmo e do caos”. (SOUZA, 2006, p. 44).

Dessa forma, ao retomarmos a dialética do senhor e do escravo de Hegel, vemos que, o escravo (o eu), reconhece na ação e no contato do outro, o senhor, a consciência, segundo Henrique Claudio de Lima Vaz (1981, p. 21.):

A relação do Senhorio e da Servidão é, para Hegel, um primeiro esboço de relação propriamente humana, uma relação efetiva de reconhecimento que rompe a igualdade abstrata da consciência consigo mesma que surgira do movimento dialético que opôs a consciência a um objeto exterior. O mundo exterior está agora entre as duas consciências-de-si ou situa-se na distância que separa a consciência-de-si de si mesma na sua "duplicação".

Assim podemos definir as ações de Prudêncio, pois a relação entre Brás Cubas e o escravo fora marcada pelo tratamento animalizado, pelas pancadas, pela

ordem: “Cala a boca, besta!” (ASSIS, 1994b, p. 15). Quando alforriado, Prudêncio compra para si um escravo e, na tentativa de exercer o domínio sobre este, ordena: “Entra para casa, bêbado” (ASSIS, 1994b, p. 76). O texto indica que na hierarquia social as relações se repetem, sob o mesmo signo: a dominação. Isso possibilita a seguinte conclusão:

[...] chega o narrador-personagem depois de presenciar a cena ilustra muito bem como numa sociedade hierarquizada e escravista o *modus vivendi* dos senhores pode ser transmitido e fazer algum sentido para aqueles que se encontram nos degraus inferiores da pirâmide social (LOPES, 2007, p. 145).

Ora, ao perceber que o ex-escravo, com seu proceder, buscava compensar-se das pancadas que recebera no passado, o narrador confessa a relação de igualdade entre si e Prudêncio. Afinal, o modo de agir torna ambos semelhantes, no sentido da violência. Ademais, analisando os conceitos que Hegel indica, as figuras de escravo e senhor são duas extremidades **atadas** à relação entre duas consciências.

Faz-se importante destacar desta passagem do romance um indício da mentalidade senhorial em Brás Cubas, que via o negro, mesmo liberto, ainda como sua propriedade: “o meu moleque Prudêncio” (ASSIS, 1994b, p. 76). Essa mentalidade é reproduzida por Prudêncio ao pedir a bênção ao “nhonhô”, e também quando obedece ao comando deste: “nhonhô manda, não pede” (ASSIS, 1994b, p. 76). A conclusão a que chega o narrador-personagem após presenciar a cena é que “Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas – transmitindo-as a outro” (ASSIS, 1994b, p. 76), para tanto, comprou um escravo “e ia pagando, com alto juro as quantias que de mim recebera” (ASSIS, 1994b, p. 76). A reprodução da mentalidade escravista realizada pelo liberto ilustra que o tratamento que se recebe é o mesmo que se oferece.

Brás Cubas, depois deste acontecimento, segue seu caminho “a desfiar uma infinidade de reflexões” (ASSIS, 1994b, p. 76). Segundo ele, “seria matéria para um bom capítulo, talvez alegre” (ASSIS, 1994b, p. 76). A personagem continua a fazer reflexões: “logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas – transmitindo-as a outro”. (ASSIS, 1994b, p. 76). Brás Cubas chega ironicamente à conclusão de que a crueldade de Prudêncio foi provocada

pelas pancadas que ele recebia. A esse respeito, observa Sérgio Paulo Rouanet (2003, p. 310):

[...] era uma maldade historicamente especificada, solidária de um modo de produção baseado no trabalho escravo. A nota local desfaz o álibi universalista, e de novo expõe Brás à reprovação moral, mas agora ele pode ser salvo pela própria nota local: à luz da realidade brasileira, o comportamento de Brás era tão pouco censurável como o de Prudêncio, porque derivava necessariamente de um certo padrão de relações sociais à luz do qual é a moralidade universalista que se revela anêmica e exótica.

É possível vislumbrar pelo desfecho do capítulo mencionado como essa lógica da dominação de alguém sobre outrem é transmitida da classe senhorial aos escravos. Segundo Raymundo Faoro (1974, p. 338):

A liberdade, casada à emancipação econômica, fez de Prudêncio um homem responsável para com a instituição, adotando-a, nas suas normas e valores, interiormente. Deu-lhe, também, o meio de cobrar, no degrau inferior, o funcionamento da ordem social, cuja base é a hierarquia

A situação em que encontra Prudêncio livre é um tanto quanto ambígua: ele se configura como um exímio reproduzidor da mentalidade escravista, a fim de se vingar daquilo que a condição escrava lhe proporcionou. Ele reproduz a visão de Brás Cubas em relação aos escravos que possuía, sendo ele um deles, e, para se vingar das pancadas que sempre lhe foram destinadas, compra um escravo para si mesmo.

A ambiguidade, e partindo da ironia uma as ferramentas utilizadas por Machado em sua obra, sobre a condição ocupada por Prudêncio livre deve ser ressaltada. Segundo Lopes, “[...] o liberto que compra para si um escravo é ao mesmo tempo ex-escravo e ex-senhor, já que estaria findada a escravidão em todo o território nacional” (2007, p. 146). Ademais, “o não-lugar social do negro liberto pode ser nessa passagem contemplado: sendo ao mesmo tempo duas instâncias inexistentes, qual o lugar sobraria a ele ocupar?” (LOPES, 2007, p. 146).

Prudêncio, por certo, aplicou a lei sublime de Brás Cubas: a lei da equivalência das janelas, em que “o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra a fim de que a moral possa arejar continuamente a consciência” (ASSISb, 1994, p. 56). As duas janelas representam a metáfora do bem e do mal, “a ironia suprema do defunto autor consiste na pintura do retrato de um personagem que

revela sem seu próprio ser a natureza ambígua e reticente da condição humana.” (SOUZA, 2006, p. 118).

Quando os temas da escravidão e da liberdade se fazem presentes nos escritos de Machado de Assis, é possível percebermos que o seu ponto de vista localiza-se muito além da crítica costumeira. Seu olhar se lança, conforme comenta Gledson, sobre a complexidade das novas relações sociais que seriam instauradas. Outras formas de dominação ocuparão o lugar da manutenção da propriedade: o apadrinhamento, o favor, a dependência. Talvez desse modo pode-se vislumbrar o ideal machadiano: a independência e a autonomia do sujeito enquanto conceitos capazes de romper com os laços escravistas – “O melhor de tudo, acrescento eu, é possuir-se a gente a si mesmo” (GLEDSON, 1990, p. 69).

Não estão ausentes os estereótipos, apenas, como há “tendência ao paralelismo entre um sujeito e o outro; senhor e escravo são colocados no mesmo eixo comparativo” (TRÍPOLI, 2006, p. 108). Sendo assim, o discurso é diferente, “no lugar do inimigo feroz e vingativo, da vítima algoz ou dos pobres coitados impotentes diante da correção, existem pessoas simples, sofridas e subjugadas por uma situação de exceção” (TRÍPOLI, 2006, p. 108), mas nem por isso menores ou piores do que quem as subjuga.

Segundo Ianni (1988, p. 22), as discussões que rodeiam sobre o tema negro e mais algumas temáticas como religião, sociedade, discriminação etc. estão presentes na obra machadiana de uma forma “implícita, subjacente, decantada”. Ademais, o autor aponta o olhar cético do escritor em relação ao modo como o negro estaria sendo libertado e ainda fazia a crítica ao futuro social no qual seriam jogados os libertos.

Como estivesse em uma comédia ideológica, a confissão irônica de Brás Cubas expõe a prepotência dos escravocratas; o narrador parece ver o mundo como um palco irônico, passível de concentrar contradições éticas num mesmo espaço, onde Prudêncio não se apresenta como portador de valores trágicos, no palco dos acontecimentos, o narrador está vestido com as roupas do cômico ou do tragicômico.

Reconhecendo a percepção e o entendimento do papel desempenhado pela ironia nos textos de Machado que se faz a importância de analisar uma crítica sublimada ao pensamento escravista quando retrata o princípio de propriedade entre o senhor e o escravo e a consequente coisificação e animalização deste.

Em síntese, a partir desta verificação e destas motivações é possível destacar o retrato do negro em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Para que essa delimitação seja feita, os fatores acima citados revelaram-se fundamentais. Destacamos que a análise das personagens Brás Cubas e Prudêncio ocorreu no contexto em que o autor se encontrava, ou seja, deve-se levar em consideração a sua participação na sociedade do seu tempo, sua escrita e os principais acontecimentos históricos da sua época. Além disso, a análise das personagens ocorreu no âmbito da obra em que está inserido, o plano em que aparecem e a simbologia nelas empregada. Nesse sentido, fica patente como a alteridade negra foi contemplada nos escritos de Machado de Assis.

4 O VENDEDOR DE COCADAS

Dentre as obras de Machado de Assis, o romance de 1899, *Dom Casmurro*, é o que mais obteve repercussão, tanto em números de leitores como em críticas, seja nacionais ou estrangeiras. A trama central ocorre na história de amor entre Bentinho e Capitu, amigos de infância que se tornam cônjuges. Porém, o casal vive um suposto triângulo amoroso com Escobar, amigo que Bentinho fizera na sua estada no seminário. O narrador “conta já velho e casmurro, querendo juntar ‘as pontas da vida’” (DUARTE, 2009, p. 223), que desconfia de uma suposta traição por parte dos dois amigos de infância. O que nos interessa, a partir desta concepção sobre a trama, é que Bentinho/Casmurro, caminha em um universo da elite branca e senhorial, a qual se desencadeia a decadência do sistema escravocrata e social. A obra é dividida em cento e quarenta e oito capítulos, muitos destes bastante curtos, os quais são intitulados por expressões ou palavras bem representativas de seus respectivos conteúdos.

Como se viu até o momento, está claro que Machado de Assis retratou o negro em suas páginas como era visto em sua época, ou seja, negro é negro, e senhor é senhor. E neste capítulo analisaremos mais um personagem nessa condição, um vendedor de cocadas, embora este, como tem sido contumaz com outras figuras negras na narrativa machadiana, ocupe um espaço pequeno.

O que veremos a partir de *Dom Casmurro* é o retrato da decadência das classes mais altas, ocasionada pela profundidade e a abrangência da crise de 1871. O fato é que houve muita resistência, por parte dos escravocratas, em relação à aprovação da lei de 28 de setembro de 1871, a Lei do Ventre Livre. E que por sinal é o ano em que Escobar morre. Ali morre também Bentinho e nasce o Bento Santiago/Casmurro, após ver os olhares de ressaca em que Capitu admirava o defunto. Podemos supor que Machado de Assis estava ali representando a morte do sistema escravocrata. Temos na figura de Bento/Dom Casmurro o definhamento tanto psicológico como financeiro, o próprio Dom Casmurro confessa ao final estar empobrecido. Estes são os sinais que nos levam a pensar que a ironia machadiana retratou essa decadência de classes.

No momento destas interessantes mudanças ocorridas na vida de Bento Santiago e na história do país, convém pensarmos nas reflexões sobre a aprovação da Lei do Ventre Livre por parte de Joaquim Nabuco (1975, p. 731-732):

A verdade sobre a lei de 28 de setembro é que as reformas dessa natureza não operam matematicamente, conforme as potências, as forças e as quantidades prefixas de cada uma de suas cláusulas; não são soluções exatas, precisas, que produzem efeitos de antemão calculados: são sempre a decretação do desconhecido; obram pelo imprevisto, pelo espírito que está nelas; são grandes moldes sociais de que saem novos tipos humanos”

Podemos ressaltar este pensamento com Chalhoub (2003, p. 97):

Ou seja, em 28 de setembro de 1871 decretou-se o “desconhecido”. E, sem dúvida, o que não se sabia, já de início, era se a lei seria cumprida, e em que medida. A história recente do país registrava exemplos conspícuos de leis socialmente decisivas que, em grande parte, “não pegavam”, como a lei de proibição ao tráfico negreiro em 1831 e a lei de terras em 1850. É claro que havia exemplos no sentido contrário, como a nova lei de repressão ao tráfico, de 1850, a respeito da qual houvera vontade política para fazer cumprir. Em suma, após a batalha para a aprovação da lei, anunciava-se outra em torno de sua aplicação, batalha esta que seria travada sobretudo a respeito da interpretação de seus vários e complexos dispositivos.

É necessário ressaltar esse contexto. Como um dos nossos objetivos é identificar e caracterizar o retrato do negro a partir da leitura das obras de Machado de Assis é importante conhecer e estabelecer o contexto social da época. Desta forma o que veremos neste romance é o negro apenas citado, sem qualquer intervenção nas ações da trama, como vimos anteriormente com Vicente e Prudêncio.

4.1 A IDENTIDADE DO NEGRO EM *DOM CASMURRO*

Iniciamos esta análise a partir da caracterização dos escravos, ou seja, como eles foram apresentados em *Dom Casmurro*. O primeiro episódio que apresentaremos está no capítulo XCIII, intitulado “Um amigo por um defunto”. O trecho inicia com a apresentação de Escobar para a família e dependentes de Bentinho e a curiosidade de Escobar pela vida dos Santiagos:

[...] Contei-lhe o que sabia da vida dela e de meu pai. Escobar escutava atento, perguntando mais, pedindo explicação das passagens omissas ou só escuras. Quando eu lhe disse que não me lembrava nada da roça, tão pequenino viera, contou-me duas ou três reminiscências dos seus três anos de idade, ainda agora frescas. E não contávamos voltar à roça?

- Não, agora não voltamos mais. Olhe, aquele preto que ali vai passando, é de lá. Tomás!
- Nhonhô!
- Estávamos na horta da minha casa, e o preto andava em serviço; chegou-se a nós e esperou.
- É casado, disse eu para Escobar. Maria onde está?
- Está socando milho, sim, senhor.
- Você ainda se lembra da roça, Tomás?
- Alembra, sim, senhor.
- Bem, vá-se embora. Mostrei outro, mais outro, e ainda outro, este Pedro, aquele José, aquele outro Damião...
- Todas as letras do alfabeto, interrompeu Escobar. Com efeito, eram diferentes letras, e só então reparei nisto; apontei ainda outros escravos, alguns com os mesmos nomes, distinguindo-se por um apelido, ou da pessoa, como João Fulo, Maria Gorda, ou de nação como Pedro Benguela, Antônio Moçambique...
- E estão todos aqui em casa? perguntou ele.
- Não, alguns andam ganhando na rua, outros estão alugados. Não era possível ter todos em casa. Nem são todos os da roça; a maior parte ficou lá. (ASSIS, 1994c, p. 84).

Essa passagem nos remete a forma como os escravos eram caracterizados, a começar pela identificação, os donos os contabilizavam por nomes e por apelidos, diga-se de passagem, apelidos esdrúxulos. Mais uma vez Machado de Assis nos surpreende com essa caracterização, porque o que devemos levar em consideração é que os negros eram tratados exatamente assim ou até mesmo pior, o que Machado fez foi apenas retratar em suas páginas essa indiferença da sociedade senhorial. Portanto, este é apenas um retrato realista da classe dominante do século XIX.

Outro fato dessa passagem, e em outra que veremos, é o modo como os senhores comparavam seus escravos a outros bens materiais, outras posses, reforçando a tese de coisificação, como já vimos em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. A coisificação se dá pelo fato de os escravos serem vistos como mercadorias. Podemos comprovar isso na leitura de um comentário de Emília Viotti da Costa (1999, p. 354):

No Brasil, desde o começo não houve dúvidas sobre o status do africano: ele havia sido importado para ser escravo. Também não havia discussão sobre o status de seus descendentes, que nasciam para ser escravos como seus pais. Ninguém debatia a posição dos negros livres na sociedade.

É dentro desta ideia que podemos concluir a coisificação do negro no Brasil no século XIX. Outro episódio que retrata essa condição do escravo é o capítulo LXXXVII - "A sege":

[...]

Não cuides que era o desejo de andar de carro, por mais que tivesse o gosto da condução. Em pequeno, lembra-me que ia assim muita vez com minha mãe às visitas de amizade ou de cerimônia, e à missa, se chovia. Era uma velha sege de meu pai, que ela conservou o mais que pôde. O cocheiro, que era nosso escravo, tão velho como a sege, quando me via à porta, vestido, esperando minha mãe, dizia-me rindo:

— Pai João vai levar nhonhô!

E era raro que eu não lhe recomendasse:

— João, demora muito as bestas; vai devagar.

— Nhá Glória não gosta.

— Mas demora!

[...]

A sege ia tanto com a vida recôndita de minha mãe, que quando já não havia nenhuma outra, continuamos a andar nela, e era conhecida na rua e no bairro pela "sege antiga". Afinal minha mãe consentiu em deixá-la, sem a vender logo; só abriu mão dela porque as despesas de cocheira a obrigaram a isso. A razão de a guardar inútil foi exclusivamente sentimental; era a lembrança do marido. Tudo o que vinha de meu pai era conservado como um pedaço dele, um resto da pessoa, a mesma alma integral e pura. Mas o uso, esse era filho também do carrancismo que ela confessava aos amigos. Minha mãe exprimia bem a fidelidade aos velhos hábitos, velhas maneiras, velhas idéias, velhas modas. Tinha o seu museu de relíquias, pentes desusados, um trecho de mantilha; umas moedas de cobre datadas de 1824 e 1825, e, para que tudo fosse antigo, a si mesma se queria fazer velha; mas já deixei dito que, neste ponto, não alcançava tudo o que queria. (ASSIS, 1994c, p. 80).

Neste trecho o escravo é comparado à velha sege, e desta forma como diz Bentinho, sua mãe adorava conservar coisas velhas. A comparação do escravo à velha sege nos leva a constatar que a família de Bentinho conserva o velho escravo também, assim como conservara os objetos e bens herdados do patriarca. Como vemos, mais uma vez o escravo é equiparado ao *status* de objeto, de mercadoria, como também um bem material que um homem deixa para sua família.

Logo no início, no capítulo II, intitulado "Do livro", Bento Santiago transmudado em Dom Casmurro anuncia: "Vivo só, com um criado" (ASSIS, 1994c, p. 02), representando a desconsideração pelo criado, afinal, afirma que é um sujeito solitário. O criado é colocado como se fosse um objeto da casa. O casmurro narrador amarga em sua solidão, solidão essa que passa ao criado. Segundo Gizêlda Melo do Nascimento (2002, p. 8):

Uma peça a mais no jogo; e aí temos não dúvida de que atrás da cortina e acima de Dom Casmurro/ narrador, um outro narrador manipula o lance no momento em que instala esta lacuna, construindo de ausência o texto visível. O narrador oculto costurando pelo avesso, criando sorrateiramente um sub-texto que paradoxalmente preenche com vazios. A jogada magistral está na ambigüidade que se apresenta na economia de qualificativos que o narrador (não) atribui ao seu criado. Trata-se de um criado preto ou branco?

Provavelmente negro, mas acima de tudo um criado mudo, perdido na sala de um senhor mal humorado; um criado sem outro atributo, despido de sua humanização. Um criado apenas, só e indefinidamente criado para o anonimato. Imobilizado, posto e retirado sem qualquer reação, como um corpo sem vida que não interferirá nos rumos do corpo narrativo ou na História. Um criado-mudo: um móvel confundido entre os demais objetos da casa.

Esta é a forma como Machado retrata os negros, por isso, que devemos usar a palavra retrato, porque em suas páginas do romance, está apenas relatando a concepção oitocentista sobre o negro, sobre o escravo. Desta maneira, no capítulo VII, Bentinho faz a apresentação da mãe, e também os interesses dos bens herdados. Por estar no início do romance, esse trecho consolida novamente as intenções de Machado de Assis em descrever os negros escravos como bens materiais:

Minha mãe era boa criatura. Quando lhe morreu o marido, Pedro de Albuquerque Santiago, contava trinta e um anos de idade, e podia voltar para Itaguaí. Não quis; preferiu ficar perto da igreja em que meu pai fora sepultado. Vendeu a fazendola e os escravos, comprou alguns que pôs ao ganho ou alugou, uma dúzia de prédios, certo número de apólices, e deixou-se estar na casa de Mata-cavalos, onde vivera os dois últimos anos de casada. Era filha de uma senhora mineira, descendente de outra paulista, a família Fernandes. (ASSIS, 1994c, p. 7).

Mais uma vez o negro é retratado como objeto, e comparado a bens materiais como a fazenda, casas etc. Mas o que nos chama a atenção é o relato da condição de escravos alugados e de ganho que iremos discutir na próxima seção. Podemos concluir por ora que Machado de Assis passou a representar ironicamente a realidade da elite branca da sociedade brasileira do século XIX, retratando suas vivências, modos, conflitos, sem deixar de lado sua maneira irônica e única de criticar tais percepções.

4.2 O PREGÃO DAS COCADAS

Uma das personagens negros que demonstra mais relevância para a trama, mesmo sendo apenas de passagem, é um simples vendedor de cocadas citado em dois capítulos. Assim como a maioria dos personagens negros, o vendedor de cocadas é usado apenas como um pano de fundo que compõe o cenário da

sociedade brasileira oitocentista. Desse modo, não lhe é facultado o direito à voz dentro da narrativa.

É no capítulo XVIII que Bentinho e Capitu, ainda adolescentes, estão na janela da casa de Bentinho, quando são surpreendidos por um vendedor de cocadas:

[...] Tínhamos chegado à janela; um preto, que, desde algum tempo, vinha apregoando cocadas, parou em frente e perguntou:

— Sinhazinha, qué cocada hoje?

— Não, respondeu Capitu.

— Cocadinha tá boa.

— Vá-se embora, replicou ela sem rispidez.

— Dê cá! disse eu descendo o braço para receber duas.

Comprei-as, mas tive de as comer sozinho; Capitu recusou. Vi que, em meio da crise, eu conservava um canto para as cocadas, o que tanto pode ser perfeição como imperfeição, mas o momento não é para definições tais; fiquemos em que a minha amiga, apesar de equilibrada e lúcida, não quis saber de doce, e gostava muito de doce. Ao contrário, o pregão que o preto foi cantando, o pregão das velhas tardes, tão sabido do bairro e da nossa infância:

Chora, menina, chora,
Chora, porque não tem
Vintém,

a modo que lhe deixara uma impressão aborrecida. Da toada não era; ela a sabia de cor e de longe, usava repeti-la nos nossos jogos da puerícia, rindo, saltando, trocando os papéis comigo, ora vendendo, ora comprando um doce ausente. Creio que a letra, destinada a picar a vaidade das crianças. (ASSIS, 1994c, p. 18).

Essa é mais uma personagem por meio da qual Machado de Assis retrata a sociedade do século XIX. Analisando as datas e algumas teorias, possivelmente este escravo que vendia cocadas era um escravo de ganho. Outro indicativo para essa possibilidade é o fato de Machado ter citado essa modalidade de escravo em outro trecho como vimos mais acima. Sobre isso, Costa (1999, p. 280) indaga:

Não era melhor a situação do trabalhador livre nas fazendas de café: vivia sob o arbítrio do senhor, suas condições de vida não diferiam muito das dos escravos. Como força de trabalho, seu papel era secundário. Na grande lavoura o escravo continuava a ser, até meados do século, “as mãos e os pés do senhor”. Nas cidades, os negros de ganho e os alugados ombreavam com os artesãos livres. Havia-os de todos os ofícios: sapateiros, carpinteiros, funileiros, alfaiates, carregadores, vendedores ambulantes. Alguns senhores viviam do aluguel de seus escravos. Outros mantinham no ganho grande número de cativos. Os negros saíam pela manhã para os seus afazeres, voltavam à noitinha para entregar ao senhor o que tinham ganho. Se não traziam uma quantia considerada razoável eram castigados. Até meados do século, o trabalho escravo preponderava no campo e na cidade. O desenvolvimento das plantações de café reforçou a dependência de certos setores da sociedade brasileira em relação ao

sistema escravista. As fazendas povoaram-se de cativos. O tráfico prosseguiu a despeito de toda a pressão internacional visando interrompê-lo.

Por isso, cogitamos tal situação que Machado de Assis retratou. A verdade é que Machado era um homem do seu tempo, frequentador de salões, retratava o que estava subordinado a enxergar:

Machado deveria tratar com maestria este aspecto. E tratou. Com maestria e coerência. Maestria porque não é nas linhas que se deve buscar esta questão. O que está escrito não conta. Conta o que não foi dito nem visto com os olhos de fora; e o que fica fora das linhas permanece latente nos nervos do texto onde os olhos de dentro reclamam. Coerência porque seu compromisso era retratar a sociedade tal qual se lhe apresentava, e aí, o negro não constituía uma representação significativa, melhor dizendo, nem mesmo como ser social era reconhecido. Na ordem das representações, a lente do retratista não poderia alcançar o que nem sequer era cogitado. E representar a sociedade no caso de Machado era, maioria das vezes, freqüentar salões. Daí a lacuna, a ausência do negro em sua obra. Numa sociedade escravocrata, onde senhor é senhor e escravo é escravo, os salões não abrigavam este segundo segmento. Neste espaço, o negro não transita; escapa ao campo de visão do retratista. (NASCIMENTO, 2002, p. 1-2).

Desse modo, Machado de Assis retratou o que estava em seu campo de visão, os escravos de ganho eram muito significativos para os senhores e ocupavam um movimento intenso entre a cidade e o campo. Neste episódio, podemos perceber que Machado mais uma vez apresenta sua ironia, de forma que o doce preferido de Bentinho é cocada, e o produto que o escravo vem oferecer é justamente cocada. Outro detalhe é que Bentinho e Capitu vinham de momentos tensos. É como se Machado quisesse aliviar o clima tenso que antecede este trecho, retratando pela passagem da cocada vendida por um escravo, aqui um momento de “doçura”.

Mais à frente, o mesmo vendedor é referido, no capítulo LX, intitulado “Querido Opúsculo”:

Querido opúsculo, tu não prestavas para nada, mas que mais presta um velho par de chinelas? Entretanto, há muita vez no casal de chinelas um como aroma e calor de dois pés. Gastas e rotas, não deixam de lembrar que uma pessoa as calçava de manhã, ao erguer da cama, ou as descalçava à noite, ao entrar nela. E se a comparação não vale, porque as chinelas são ainda uma parte da pessoa e tiveram o contato dos pés, aqui estão outras lembranças, como a pedra da rua, a porta da casa, um assobio particular, um pregão de quitanda, como aquele das cocadas que contei no cap. XVIII. Justamente, quando contei o pregão das cocadas, fiquei tão curtido de saudades que me lembrou fazê-lo escrever por um amigo, mestre de música, e grudá-lo às pernas do capítulo. Se depois jarretei o capítulo, foi porque outro músico, a quem o mostrei, me confessou ingenuamente não achar no trecho escrito nada que lhe acordasse saudades. Para que

não aconteça o mesmo aos outros profissionais que porventura me lerem, melhor é poupar ao editor do livro o trabalho e a despesa da gravura. Vês que não pus nada, nem ponho. Já agora creio que não basta que os pregões de rua, como os opúsculos de seminário, encerrem casos, pessoas e sensações; é preciso que a gente os tenha conhecido e padecido no tempo, sem o que tudo é calado e incolor. Mas, vamos ao mais que me foi saindo das páginas amarelas. (ASSIS, 1994, p. 59).

Como podemos perceber, o pregão que o negro entoava na venda das cocadas foi marcante para Bento. Este trecho não apenas é uma lembrança do narrador, mas também uma introdução do que ele ainda sente e irá sentir ao lembrar-se do pregão.

Desta forma, “esta imagem vem bem ilustrada no capítulo CX, quando Bentinho, ainda não tão casmurro como futuramente iria se tornar, tenta recuperar o pregão do preto das cocadas pedindo a Capitu que o execute ao piano” (NASCIMENTO, 2002, p. 7):

Aos cinco e seis anos, Ezequiel não parecia desmentir os meus sonhos da Praia da Glória; ao contrário, adivinhavam-se nele todas as vocações possíveis, [...] Gostava de música, não menos que de doce, e eu disse a Capitu que lhe tirasse ao piano o pregão do preto das cocadas de Mata-cavalos...

— Não me lembra.

— Não diga isso; você não se lembra daquele preto que vendia doce, às tardes...

— Lembra-me de um preto que vendia doce, mas não sei mais da toada.

— Nem das palavras?

— Nem das palavras.

A leitora, que ainda se lembrará das palavras, dado que me tenha lido com atenção, ficará espantada de tamanho esquecimento, tanto mais que lhe lembrarão ainda as vozes da sua infância e adolescência; haverá olvidado algumas, mas nem tudo fica na cabeça. Assim me replicou Capitu, e não achei tréplica. Fiz, porém, o que ela não esperava; corri aos meus papéis velhos. Em São Paulo, quando estudante, pedi a um professor de música que me transcrevesse a toada do pregão; ele o fez com prazer (bastou-me repetir-lho de memória), e eu guardei o papelzinho; fui procurá-lo. Daí a pouco interrompi um romance que ela tocava, com o pedacinho de papel na mão. Expliquei-lho; ela teclou as dezesseis notas.

Capitu achou à toada um sabor particular, quase delicioso; contou ao filho a história do pregão, e assim o cantava e teclava. Ezequiel aproveitou a música para pedir-me que desmentisse o texto, dando-lhe algum dinheiro. (ASSIS, 1994c, p. 100 e 101).

A insistência de Bentinho em um simples pregão é algo curioso. Capitu lembra-se vagamente apenas de um preto “[...] como pincelada de uma imagem esgarçada, um rosto sem forma desmanchado na memória” (NASCIMENTO, 2002, p. 7). Para Capitu era um história totalmente desconhecida, e seria para a maioria, até para o leitor, mas não é esquecida por Bentinho. Contudo, é tão marcante para

Bento que ele tratou de ter um rascunho do pregão. Este ato talvez reforce a ideia expressa no início do romance pelo narrador, a de “atar as duas pontas da vida” (ASSIS, 1994c, p. 2). Nesse sentido, vale a pena recordar que todo o enredo sobre a vida de Bento e Capitu compõe-se de confissões e lembranças de um velho que se tornou solitário e ciumento.

Observemos que a insistência de Bentinho é intrigante, pois pediu até para um professor transcrever as notas do pregão que o negro que vendia cocadas entoava. Interessantemente, foram essas notas que serviram para Capitu achar a “toada”, como percebe o narrador.

É importante lembrar, na esfera da narrativa machadiana, que o vendedor de cocadas serve apenas de pano de fundo para o retrato da sociedade brasileira do século XIX. O negro é aí visto apenas como um mero figurante, sua presença reduz-se apenas a uma cena. Se não fosse a insistência de Bento Santiago em rememorar o pregão que o preto entoava enquanto vendia cocadas, com certeza, não seria lembrado em outras cenas. Nascimento (2002, p. 08) salienta tal aspecto:

Lembramo-nos, no entanto, de que nesta passagem, o preto das cocadas encontra-se ausente da cena e afastado no tempo: é apenas um ponto referido sem qualquer conseqüência para o desenvolvimento da narrativa e da história. Mal chegou, já passou. Um ser passante.

Em suma, podemos concluir que neste romance o negro atinge o ápice de coisificação. Apresenta todas as privações atribuídas à figura do negro na literatura de então: não fala, não tem discurso próprio, não tem história etc. Para um romance de fins do século XIX, o negro perde seu espaço, representando, talvez, a descrença do próprio Machado de Assis quanto à inserção do negro na sociedade, apesar da intensificação do movimento abolicionista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que a partir desta pesquisa alguns fatos se sobrepõem a outros, como a coisificação e a animalização do negro. Estes fatores estão muito presentes na forma como Machado de Assis retratou o negro em sua obra. **Vimos** que nos romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, o negro é visto como objeto por parte do discurso de seus protagonistas. Uma boa ilustração para isso é o episódio da divisão de bens em que a pretensão de Brás Cubas é reter Prudêncio como parte da herança, surpreendendo-se ao saber que o pai já havia lhedado a alforria.

Ainda que nos pareça cruel a maneira como Machado representa o negro em sua obra, isso tudo não passa apenas de um retrato da sociedade oitocentista. Em *Dom Casmurro*, a coisificação do negro também se dá a partir da comparação com bens materiais, e mais do que isso, está presente na solidão do narrador, que não enxerga seu criado, provavelmente um negro, como uma pessoa, pelo contrário, vê-o como um móvel da casa, percebe-o como sendo nada ou ninguém.

Outro fato já citado é animalização dos negros. Em *Helena*, há a comparação entre um cavalo e um negro. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, este é o menino-diabo que monta em seu escravo como se este fosse um cavalo. Nessa passagem, está a ironia de Machado, ao comparar o negro a um animal, demonstra que um negro não tinha direitos, a não ser figurar como cativo.

Os personagens e os trechos aqui analisados nos apresentam apenas um pano de fundo de uma sociedade em que os brancos acreditavam deter a liberdade por serem senhores. Porém, estes também se fazem escravos ao estarem sujeitos à dependência dos valores escravocratas, dos valores morais e políticos da época. O exemplo foi demonstrado por meio do pensamento de Estácio. Convém que observemos que há a mesma dependência no defunto-narrador e no velho casmurro.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, há a caracterização das marcas que a escravidão e os atos de violência deixam no sujeito. A forma como Prudêncio age em sua liberdade social não é mesma a que está sujeito em sua liberdade psicológica. A escravidão deixou péssimos sinais não apenas nos escravos, mas também nos senhores. Podemos dizer ainda que há resquício desse abjeto modo de pensar, numa sociedade que, vez ou outra, repete pensamentos racistas.

O personagem que teve mais destaque na obra machadiana, dentro dos conceitos analisados nesta pesquisa, é Vicente, um escravo que se tornou cúmplice de Helena e é muito importante para a trama. A ele, Machado permitiu a ação e a voz. Por esse motivo, devemos admitir que o negro esteja, sim, presente nas obras de Machado de Assis, por mais que Vicente seja uma exceção na forma mais libertária como age na trama.

Machado de Assis buscou sempre caracterizar o negro, provavelmente como era de fato, por isso vemos termos pejorativos ao nomear um escravo, como se retratou em *Dom Casmurro*. Em *Helena*, essa caracterização se deu ao detalhar as vestes e ações de um escravo a beira da estrada. Esses detalhes, como as vestimentas, são muito importantes, pois é uma das formas em retratar com traços realistas a participação do negro na sociedade.

É neste sentido que se buscou apresentar em nossa análise a forma como o negro escravo está retratado na obra machadiana, durante a instituição escravagista brasileira do século XIX. É importante ressaltar que dentro da nossa concepção o negro, ainda que de forma secundária, está presente nas obras machadianas. Isso se deve ao fato de Machado ter se esmerado em fazer uma fotografia da sociedade oitocentista. O retrato que ele nos mostra é aquele que apresentou aos leitores de sua época, quando a figura do negro era obscurecida na literatura, já que o negro carecia de importância social.

Por fim, as análises aqui apresentadas devem ser vistas sob uma ótica parcial, visto que a obra literária de Machado de Assis permite um sem número de pontos de vista, possibilitados pela acuidade dos estudos. Não podemos e nem devemos tentar desvendar as grandes obras de Machado sob um único prisma. Devemos buscar fazer diálogos entre sua obra e as teorias, destacando um ou outro ponto interessante, como foi o objetivo desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Helena**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994a.

_____, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994b.

_____, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994c.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 6. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Machado de Assis afro-descendente** – escritos de caramujo (antologia). Organização, ensaios e notas: Eduardo de Assis Duarte. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2009.

FAORO, Raimundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

GLEDSOON, John. **Machado de Assis: ficção e história**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003

GOMES, Heloísa Toller. **O negro e o romantismo brasileiro**. São Paulo: Atual, 1988.

_____, Heloísa Toller. **As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: UFRJ: EDUERJ, 1994.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Meneses com colaboração de Karl-Heinz Efen. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

IANNI, Octávio. **Metamorfoses do escravo**: apogeu e crise da escravatura no Brasil meridional. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Curitiba: Scientia et Labor, 1988.

INWOOD, Michael. **Dicionário Hegel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LOPES, Elisângela Aparecida. “**Homem do seu tempo e do seu país**”: senhores, escravos e libertos nos escritos de Machado de Assis. 2007. P. 293. Dissertação (Curso de Pós-Graduação em Literatura da Faculdade de Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 2007.

MALHEIRO, Perdigão. **A escravidão no Brasil**: ensaio histórico, jurídico, social. Petrópolis: Vozes; INL, 1976, v.2.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O Tempo saquarema**. 5. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

MENESES, Paulo. **Para ler a Fenomenologia do Espírito**. São Paulo: Loyola, 1985.

NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1975.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. Machado: três momentos negros. **Terra roxa e outras terras** – Revista de Estudos Literários. Londrina, v. 2, n. 1, p. 63-75, jan 2002.

NICUIA, Eurico Jorge. **O papel do escravo em Aristóteles e Hegel**. P. 153. 2009. Dissertação (Programa de Pós-Graduação de Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 2009.

ROUANET, Sergio Paulo. **Mal-estar na modernidade**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000a.

_____. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000b.

_____. A vira volta machadiana. **Revista Novos Estudos**. São Paulo, v.1, n. 69, p. 34-47, jul. 2004.

SOUZA, Ronaltes de Melo e. **O romance tragicômico de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2006.

TRÍPOLI, Mailde Jerônimo. **Imagens, máscaras e mitos: o negro na obra de Machado de Assis**. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2006.

ZILBERMAN, Regina. Machado de Assis e o cotidiano da violência. **Revista Literatura e Autoritarismo: a produção cultural em regimes autoritários**. Santa Maria – RS, v.1, n. 2, out. 2002.

_____. **Brás Cubas autor Machado de Assis leitor**. Ponta Grossa - PR: Editora UEPG, 2012.